

Estratégias de desenvolvimento, mineração e desigualdades:
cartografia social dos conflitos que atingem povos e comunidades
tradicionais na Amazônia e no Cerrado

VILA FÉ EM DEUS, PEDREIRAS, VIOLAS, CARIONGO E SANTANA SÃO PATRÍCIO (SANTA RITA) E OITEIRO DOS NOGUEIRAS (ITAPECURU MIRIM)-MA: TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS INTRUSADOS PELA DUPLICAÇÃO DA BR 135

BOLETIM
INFORMATIVO

15



COORDENAÇÃO GERAL

Patrícia Maria Portela Nunes – DCS/PPGCSPA-UEMA
 Cynthia de Carvalho Martins – DCS/PPGCSPA-UEMA
 Emmanuel de Almeida Farias Júnior – DCS/PPGCSPA-UEMA
 Alfredo Wagner Berno de Almeida – PPGCSPA-UEMA

Financiamento: Climate and Land Use Alliance - CLUA

Coordenação de Pesquisa deste boletim:

Emmanuel de Almeida Farias Júnior – DCS/UEMA

COORDENAÇÃO DO PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DOS EFEITOS DE MEGAPROJETOS E POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS DE INFRAESTRUTURA E INVESTIMENTOS NA AMAZÔNIA E NO NORTE DE MOÇAMBIQUE SOBRE POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS

Emmanuel de Almeida Farias Júnior – DCS/UEMA

EQUIPE DE PESQUISA

Emmanuel de Almeida Farias Júnior – DCS/UEMA
 Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira – PPGCSPA/UEMA
 Antônio José Araújo Cruz – PPGEO/UEMA/PNCSA
 Taiguara dos Santos Pereira – PPGCSPA/UEMA
 Tacilvan Silva Alves – DCS/UEMA
 Geonava Alves Rocha – Ciências Sociais/UEMA
 Nágila Patrícia Santos da Silva – Ciências Sociais/UEMA
 Emanuelle Borges Conrado – Ciências Sociais/UEMA
 Suelem Sousa dos Santos – Ciências Sociais/UEMA

TRANSCRIÇÃO

Geonava Alves Rocha – Ciências Sociais/UEMA
 Nágila Patrícia Santos da Silva – Ciências Sociais/UEMA
 Wanderson Ferreira dos Anjos – Geografia/UEMA
 Poliana – Geografia/UEMA
 Elayne Veloso – Geografia/UEMA
 Empresa Júnior de Ciências Sociais Ajuri Consultoria – gestão 2019

GEORREFERENCIAMENTO

Rodrigo Dias Ribeiro – Comunidade Quilombola Cariongo
 Lucas Teixeira Dias – Comunidade Quilombola Cariongo

Daniel Moraes dos Santos – Comunidade Quilombola Cariongo
 Jonas Silva – Comunidade Quilombola Santana
 Leandro Nascimento da Silva – Comunidade Quilombola Santana
 Milena dos Santos dos Santos – Comunidade Quilombola Oiteiro dos Nogueira
 Jean Carlos Santos Vieira – Comunidade Quilombola Oiteiro dos Nogueira
 José Christian Carvalho Pires – Comunidade Quilombola Vila Fé em Deus
 Richardson Ribeiro Munizi – Comunidade Quilombola Vila Fé em Deus
 Jéssica Muniz da Silva – Comunidade Quilombola Vila Fé em Deus
 Antônio Cesar Costa Ferreira – COMITÊ QUILOMBOLA/Pedreira
 Enzo Rafael Miniz da Cruz – Comunidade Quilombola Pedreiras
 Jefferson Mayconi Muniz Ferreira – Comunidade Quilombola Pedreira
 Antônio José Araújo Cruz – PPGEO/UEMA/PNCSA
 Taiguara dos Santos Pereira – PPGCSPA/UEMA

CARTOGRAFIA E MAPA

Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira – PPGCSPA/UEMA
 Antônio José Araújo Cruz – PPGEO/UEMA/PNCSA
 Edelson Leitão Maciel – BATI-PPGCSPA/UEMA
 Taiguara dos Santos Pereira – PPGCSPA/UEMA

FOTOGRAFIAS E FILMAGENS

Tacilvan Silva Alves – DCS/UEMA
 Antônio José Araújo Cruz – PPGEO/UEMA/PNCSA
 Geovana Alves Rocha – Ciências Sociais-UEMA
 Dona Zeca – Comunidade Quilombola de Vila Fé em Deus

COLABORADORES

Eliedy Sousa de Menezes – DSOC/UFMA

PNCSA

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

COORDENAÇÃO GERAL

Alfredo Wagner Berno de Almeida (UEMA/UEA, CNPq)
 Cynthia de Carvalho Martins (PPGCSPA/UEMA)
 Rosa Acevedo Marin (UFPA/NAEA/PNCSA)

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

Silvia Regina dos Santos Diniz Moraes

APOIO

Lucas Mesquita – Ciências Sociais/UEMA

LISTAS DOS PARTICIPANTES NAS OFICINAS DE MAPAS DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE VILA FÉ EM DEUS, PEDREIRAS, VIOLAS, CARIONGO E SANTANA SÃO PATRÍCIO (SANTA RITA) E OITEIRO DOS NOGUEIRAS (ITAPECURU MIRIM):

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE CARIONGO: DE 16 A 17/02/ 2019

Emmanuel de Almeida Farias Júnior
 Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira
 Antônio Pablo Dias Pires
 Marilene da Silva Moraes
 Carlos Daniel Moraes dos Santos
 Denilson Torres Santos
 Antônia Cariongo
 Antônio Cesar Costa Ferreira
 Geovana Alves Rocha

Tacilvan Silva Alves
 Antônio José Araújo Cruz
 Newton S. G.
 Antônio Mariano Alves
 Rodrigo Dias Ribeiro
 Eryl Teixeira Dias
 Fernanda Teixeira Dias
 Larissa Teixeira Dias
 Maria Francisca da Silva Alves

Elenilson de Sousa Santos
 Erineuda do Nascimento Muniz
 Venancio Muniz Júnior
 Carlos Eduardo Dias de Carvalho
 Lilian da Silva Moraes
 Sueli Teixeira Dias
 Luiz Pedro Masson Silva dos Santos
 Karliane Dias Pires
 Maria Gorete Lima Muniz

Kauane Cristina Dias Lima
 Helyzi Ylanna Dias Ferreira
 Nágila Patrícia Santos da Silva
 Gustavo
 Isabele Dias Lima
 Maria Francisca da Silva Alves
 Luciana da Silva Moraes
 Raimundo da Silva Moraes
 Maria Domingas Teixeira Ribeiro

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE SANTANA SÃO PATRÍCIO: DE 23 A 24 /02/2019

Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira
 Antonio Cesar Costa Ferreira
 Tacilvan Silva Alves
 Jonas Silva
 Pedro Ferreira
 Leila da C. Nascimento
 José Carlos Ferreira
 Wilson dos Santos Lima
 Francisca Santos Matos
 Érica Cristina P. Muniz
 Josué de Jesus da Silva

Francisca de Jesus
 Cleomar de Maria Bezerra Marques
 Bena Venuta Santana Soares
 Antonia de Jesus
 Angela Maria
 José B. Santana
 José Maria Everton Muniz
 José Ribamar Marques
 Raimundo Nonato Marques
 Antônia Cariongo
 Enzo Rafael Muniz da Cruz

Érick Ruan Muniz Ferreira
 Jefferson Maycone Muniz Ferreira
 Leandro Nascimento da Silva
 Carlos Daniel Moraes dos Santos
 Lucas Pereira Dias
 Rodrigo Dias Ribeiro
 Taiguara dos Santos Pereira
 Roberto Sampaio
 Antonio Maciel Vilela Lemes
 Rita Jesus da Silva Coelho
 Ruan Kerlison da Silva Coelho

Patrícia Lima da Silva Filho
 Frantiel Costa Pereira
 Janilton Marques
 Fabiana Marques de Moura
 Rose Daiane Marques
 Maria José Marques
 Carlos Henrique P.
 José Ribamar Pacheco
 Elinalva Moreira dos Santos
 Hailton F.
 José Wilson dos Santos
 Wesley Nascimento Lima

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE PEDREIRAS E CENTRO DOS VIOLA: de 09 a 10 /03/ 2019

Ruth de Sena Lima
Conceição de Maria Serra
João Batista Muniz
Dourivaldo Nunes
Milena dos Santos e Santos
Luís Gustavo dos Santos
Francisca Ferreira
José Germano da Costa Júnior
Maurício Paixão
Elinalva Moreira dos Santos
Jonas Silva
Elieyd Sousa de Menezes
Tacilvan Silva Alves
Antônio José Araújo Cruz
Luís Ernandes Muniz
Lucilene Araújo Carvalho

Irlane Guimarães da Silva
Maria Vanda Reis
Maria José Lopes Silva
José Domingo Gorgea Silva
Maria Celeste dos Santos
Pedro Pereira Rodrigues
Wando Antônio J. Cedro
Rosana Reis Vilela Rodrigues
Jorge Costa Muniz
Antônio Carlos Cabral Oliveira
Antônio Raimundo F. Muniz
Antônio Cesar Costa Ferreira
Jovelina Ferreira
Maria Rita Bogeia Silva
Luís Raimundo Santos
Emilly Grazielle

Aurea Ferreira
Antônio Ferreira
Rosilene Suel
Manoel Henrique
Nazuila dos Santos
Raimunda Nonata dos Santos
Deusilene Sena Carnalho
Nonnato Masson
Raimunda P. Soares
Josuel G.
Lidiane dos Santos
Elinete M. Muniz
Rufina M. Muniz
Rosimar Camilo de Sousa
Antônio Castro Muniz
Jefferson Maycone Muniz Ferreira

Sebastião dos Santos Lins
Luzenir Cabral Oliveira
Antônia de Jesus Frazão Ferreira
Firmino Moraes da Silva
José P.C.
Sandra Maria R. Cutrim
Antônia Cariongo
Luís Samines da Silva
Roberta Serra da Silva
Marcos Suel Silva Muniz
Jhonas Ferreira da Silva
Maria do Remedio Martins dos Reis
Carmelita Guimarães
Elizangela Silva Henrique
Nazuila dos Santos
Rosimar Camilo de Souza
Bartolomeu Costa P.

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE VILA FÉ EM DEUS: de 16 a 17 /03/2019

Jéssica Muniz da Silva
Maria José Barbosa
Antônia Cariongo
Raimunda Julieta Muniz
Antonia Nilzette Muniz Carvalho
José Cristian Carvalho Pires
Antonio Cesar Costa Ferreira
José Ribamar Barbosa Muniz
Maria José de Fátima Barbosa Muniz

Maria Joana Ferreira Lima
Rosimar Barbosa
Antônio Barnabé Muniz
Jenilton Barbosa Muniz
Walquiria Muniz Silva
Jersino Silva Barbosa
Clodomir Muniz
Valtermir Muniz Silva
Raimunda Nonata D. Batista

C. Rocha dos A.
Dionisio Batista
Jania Maria Serejo dos Santos
Valterlino Barbosa Muniz
Maria Andreлина de Sousa Pestana
Jesuita J. Barbosa
Ancelmo Ferreira
Keila Regina Ribeiro
Jamilson dos Santos e Santo

Jovelina Silva Barbosa
Raimundo Dionizio Silva Barbosa
Benedita Silva
Maria José de Fátima Barbosa Muniz
Gersiana Carvalho Pires
Helzhi Ilanna
Arliison Reges Barbosa Serejo
Evilim Carvalho Pires
Jesuita J. Barbosa

COMUNIDADE QUILOMBOLA OITEIRO DOS NOGUEIRA: DE 23 A 24 /03/2019

Elinalva Moreira dos Santos
Maria de Fátima Belfort Santos
Francisco dos Santos Martins
Maria P. Belfort
Raimundo Nonato da Silva
Maria José dos Santos
Domingos de Jesus
Severino Belfort Nascimento
Iracema Vieira
Maria Raimunda de Jesus da Conceição
José Campelo
Antonia Nilzette Muniz Carvalho

Rayssa Milena dos Santos Reis
Milena dos Santos e Santos
Luís Gustavo dos Santos
Josaneia Rosa Santos da Luz
Jessica Muniz da Silva
Jamilson dos Santos e Santos
Nonatto Masson
Geysa Beatriz Santos Bastos
Maria José Aires Vieira
José Evandro Campelo
Benedita da Conceição Santos
Camilo Silva

Delfina da Crus Carvalho
Luciano José Santos
Maria Lea Santos
Antônia Cariongo
Maria Cristiano G.
Gleidson Evangelista dos Santos
Antonio César Costa Ferreira
Rosilene Campelo
Maximiano de Jesus Filho
Edilson Costa Oliveira Diniz
Maurício Paixão
Nágila Patrícia S. do Silva
Pedro Henrique Fernandes Leito

Raimundo N. S. da Costa
Laisa Elisa dos Santos Ribeiro
Claudia Cristina Machado Dias
Benedito Belfort
Domingos de Souza Lopes
Jean Carlos Santos Vieira
Eloi B.
Jane R. Cardoso
Jamilly de Jesus Santos
Thiago Vinicius Santos
Jairo Allan dos Santos Ribeiro
Natália Machado Sampaio
Genilda Vieira Aires

PARTICIPANTES DA CAPACITAÇÃO EM GPS: módulo básico – 23 a 24/02/2019, em Santana

Jefferson Maycone Muniz Ferreira
Erick Ryan Muniz Ferreira
Milena dos Santos e Santos
Enzo Rafael Muniz da Cruz
Jean Carlos Santos Vieira
Luís Gustavo dos Santos

Franciel Costa Pereira
Jairo Allon dos Santos Ribeiro
Rodrigo Dias Ribeiro
Leandro Nascimento da Silva
Carlos Daniel Moraes dos Santos
Lucas Teixeira Dias

FICHA CATALOGRÁFICA

B688

Boletim Informativo Nova Cartografia Social da Amazônia – Vila Fé em Deus, Pedreiras, Violas, Cariongo, Santana São Patrício (Santa Rita) e Oiteiro dos Nogueiras (Itapecuru Mirim): territórios quilombolas intrusados pela duplicação da BR 135. N. 15 (abr. 2020) / Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. – São Luís: EDUEMA / PPGCSPA, 2020.

37p.:il.
Irregular

Coordenação geral da pesquisa: Patrícia Maria Portela Nunes, Cynthia de Carvalho Martins, Emmanuel de Almeida Farias Júnior, Alfredo Wagner Berno de Almeida. Coordenação da pesquisa deste boletim : Emmanuel de Almeida Farias Júnior.

ISSN: 2675-2263

1. Cartografia Social. 2. Comunidades tradicionais. 3. Conflitos sociais. 4. Duplicação da BR 135. 5. Maranhão. I. Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia.

CDU: 316.48:711.167(812.1)

TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE CARIONGO

Quando meu avô veio para cá, ele veio na costa de um animal de um brejo de Apicum. Não existiam estradas por aqui, nem estrada de ferro, a estrada que existia era só um rio. Então, ele passou direto ali para Carionguinho, para fazer a residência dele. Quando chegou lá ele não se agradou porque o local era muito seco. Ele viu o igarapé e então veio procurar um lugar pra fazer moradia foi justamente (...) em Carionguinho. Ele passou dois meses lá e fez a residência aqui, por isso que pegou o nome Carionguinho. Lá ninguém sabe dessa história, porque meu avô morou lá por apenas dois meses e lá ficou Carionguinho e aqui Cariongo Grande. E como ele ficou muito tempo aqui, então o cara disse assim: "Sebastião Cariongo, tu não quer comprar uma posse de terra?" Aí meu avô foi e disse assim: "Não, eu não posso, Major, comprar porque eu não tenho como pagar". E o cara respondeu: "Tem! Você me paga com suas forças." Meu avô respondeu: "Como é? Minhas forças?" No que o senhor respondeu: "Com seu trabalho, você vai me pagando, com seu trabalho, vai trabalhar". Era bom, plantava 20 linhas, 15 linhas de roça por aí (...) Ele tirava, aí botava e tinha algum (...) aí levava nas costas do animal. Foi assim que ele comprou a posse de terra, comprou da mãe do moço chamado... esqueci agora o nome do cara, passou. Mas eu lembro, vou lembrar. Ele comprou a posse de terra trabalhando (...) botando pra cá que é o Iguirapé, ele botou 115 mil réis na posse de terra.

(Antônio Mariano de Cariongo, 2019)

O território quilombola é definido por onde aquele povo que vive ali circula. A gente precisa de um espaço para reproduzir, trabalhar, fazer roças, etc. Então é lógico que o povo daqui não consegue ter acesso até, assim, se for necessário, na beirada do rio, se for necessário nos campos de Anajatuba. (...)

(Antônia Cariongo, 2019)

"Os igarapés também eram fundos. Estão entupindo a metade assim... já estão mais rasos"

(D. Raimunda Quirina dos Santos, 2019)

Ah tem Jandiá, a piaba, o cascudo, o piau, o mandi, a urubarana, esse anojado o...esqueci o nome dele agora, esse que é de casca também, acari; É tem o acari, desde o manso e tem do grande e do grande é o bodó. É, pois é, são só esses tipos aí, curimatá também, piau, tem o niquinzim que ele é miudinho também, é... (...).

(Antônio Mariano, 2019)

Ah aqui tem vários. Tem piranha, traíra, carambanja, jejú, jandiá, mandi, cascudo, niquin, curimatá, sarapó, sarapó manteiga, sarapó normal, piaba, surubim, tambaqui, tem viola também, bodó, crimandu ou anojado, muçum, acari, urubarana, pirambeba.

(Antônia Cariongo, Sueli Teixeira Dias e Erli Teixeira Dias, 2019)

Aí são coisas que vão se acabando. O igarapé vai se acabando porque ele já não tem mais aquelas árvores que o protegia, nem as nascentes e com isso diminui a quantidade de peixes, porque eu lembro que antigamente meus tios pescavam. Gente, isso era tanto peixe que dava pra todo mundo dessa comunidade. Era dado, não era vendido, não. Hoje é tão pouco que pra tu comer tu tem que sair atrás deles assim. (...) Mas sabe por qual motivo o igarapé seca? Isso é uma outra observação que eu fico sempre assim pensando. Vez ou outra, quando eu tô assim, um pouco paradinha, eu penso no tempo e lembro que antigamente o rio enchia tanto, desde cedo, que ele demorava pra secar. Aí vocês me perguntam, por que que mudou? Por causa do desmatamento, né? Por exemplo, esse cara bem aqui, ele entupiu o nosso igarapé uma vez, aí a gente deu parte dele na justiça, entendeu? Pra poder desentupir o igarapé. O pessoal se juntou e fizeram o cara que tava com a maquina lá entupindo o igarapé parar, e a gente deu parte. Então são várias coisas que vão matando, esses fazendeiro não produzem nada, cara, eles só destroem o meio ambiente e essa questão do nosso igarapé de hoje ter menos peixes do que tinha antes e dele secar mais rápido é por conta dos grandes desmatamentos, porque eles vêm de longe, e a gente não sabe como funciona esse acompanhamento lá pra cima. Aqui por onde a gente tá, conseguimos impedir algumas coisas, mas não sabemos como é lá pra cima, eles estão atravessando fazendas e a gente sabe que dentro de fazenda não brinca mais. Logo que ele comprou, ele desmatou uma área gigantesca, não ficou uma árvore e até hoje eu me pergunto, como é que o IBAMA não monta um cara desses. Tá entendendo? Pois é, e aí ele fez uns açudes gigantescos, pra quê? É o Amaro Leite.

(Antônia Cariongo, 2019)

"A BR 135 é uma forma (...) é uma matadora, ta entendendo."

(Antônia Cariongo, 2019)

É desse jeito, ta vendo? Então são muitos impactos e aí é aquela história eles querem duplicar a BR, mas de qualquer jeito não é assim. E como eu falei, quando eles vão puxar a BR pra cá? Porque é pra esse lado aqui que eles vão duplicar vai ficando muito perto das casas das famílias, as pessoas não tem condições de morar (...) se hoje já é um

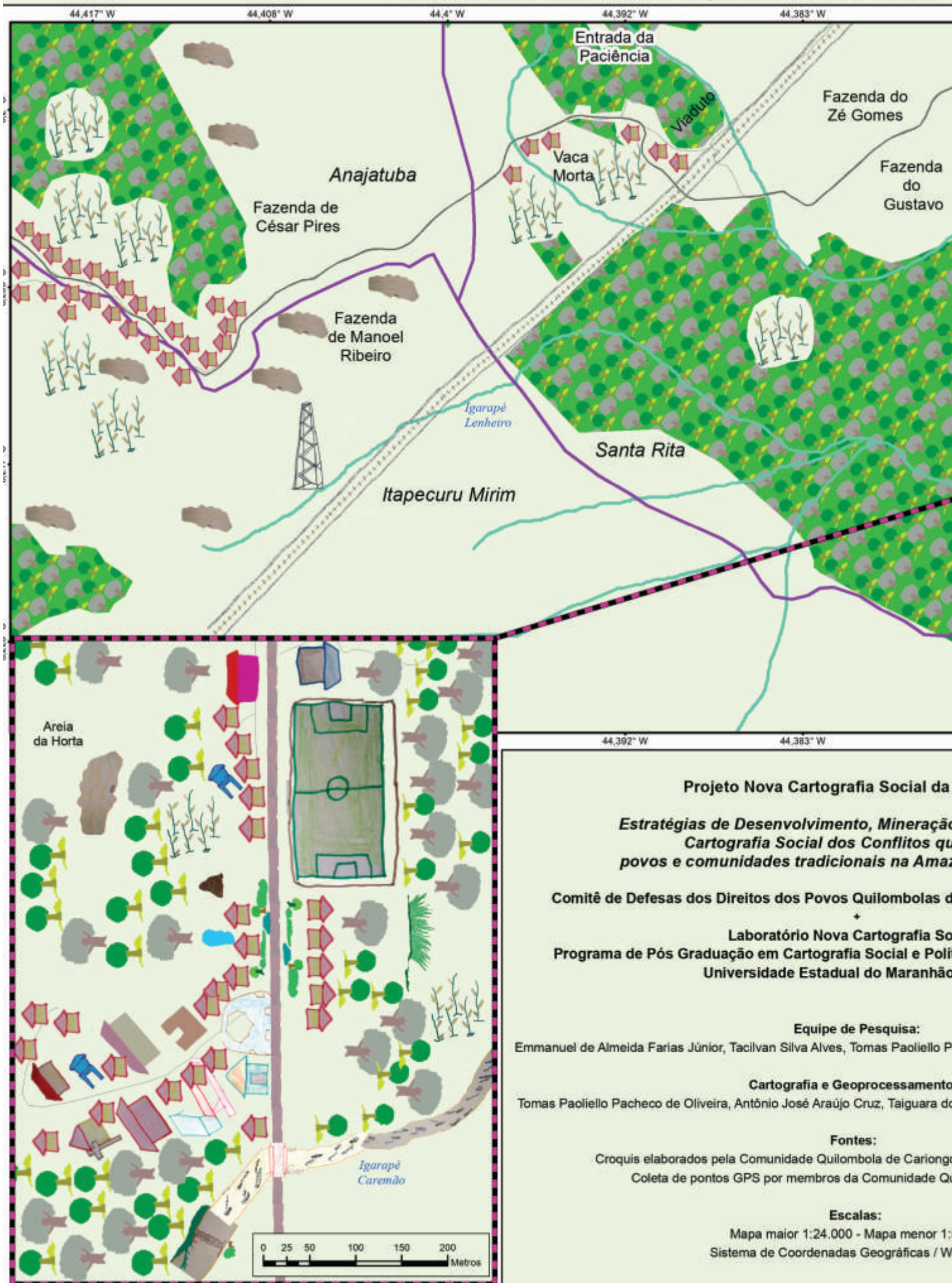
perigo constante a gente morar aí, imagina, como foi citado aqui, o caminhão quebrou a barra de direção do campo de futebol. Ele rodou quase 500 metros, passou entre vários paus, poste, passou dentro da vala e foi parar dentro da casa. Só não matou pessoas porque, com o barulho, quem tava (...) da segunda barra correu pra ver o que era, e se tivesse ficado sentado, já era, ta entendendo?

(Antônia Cariongo, 2019)

Teve um cara que jogava bola com a gente que ele foi atropelado pelo cara da construtora Edeconsil mesmo. Ele ainda atropelou e parou lá em frente a nossa casa ali, o homem parou em frente a nossa casa e tinha um outro homem mexendo na tampa do motor para fechar a tampa e o meu tio olhou e disse: "Rapaz, eu acho que esse homem ta olhando", quando nós fomos olhar, era nosso amigo que tinha morrido, tava só suspirando e a ambulância daqui de Santa Rita é uma vergonha, o cara ligou pra lá e passou foi tempo.

(Rodrigo Dias Ribeiro, 2019)

Comunidade Quilombola



Projeto Nova Cartografia Social da
Estratégias de Desenvolvimento, Mineração
Cartografia Social dos Conflitos qu
povos e comunidades tradicionais na Amaz

Comitê de Defesas dos Direitos dos Povos Quilombolas d
+
Laboratório Nova Cartografia So
Programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Polít
Universidade Estadual do Maranhão

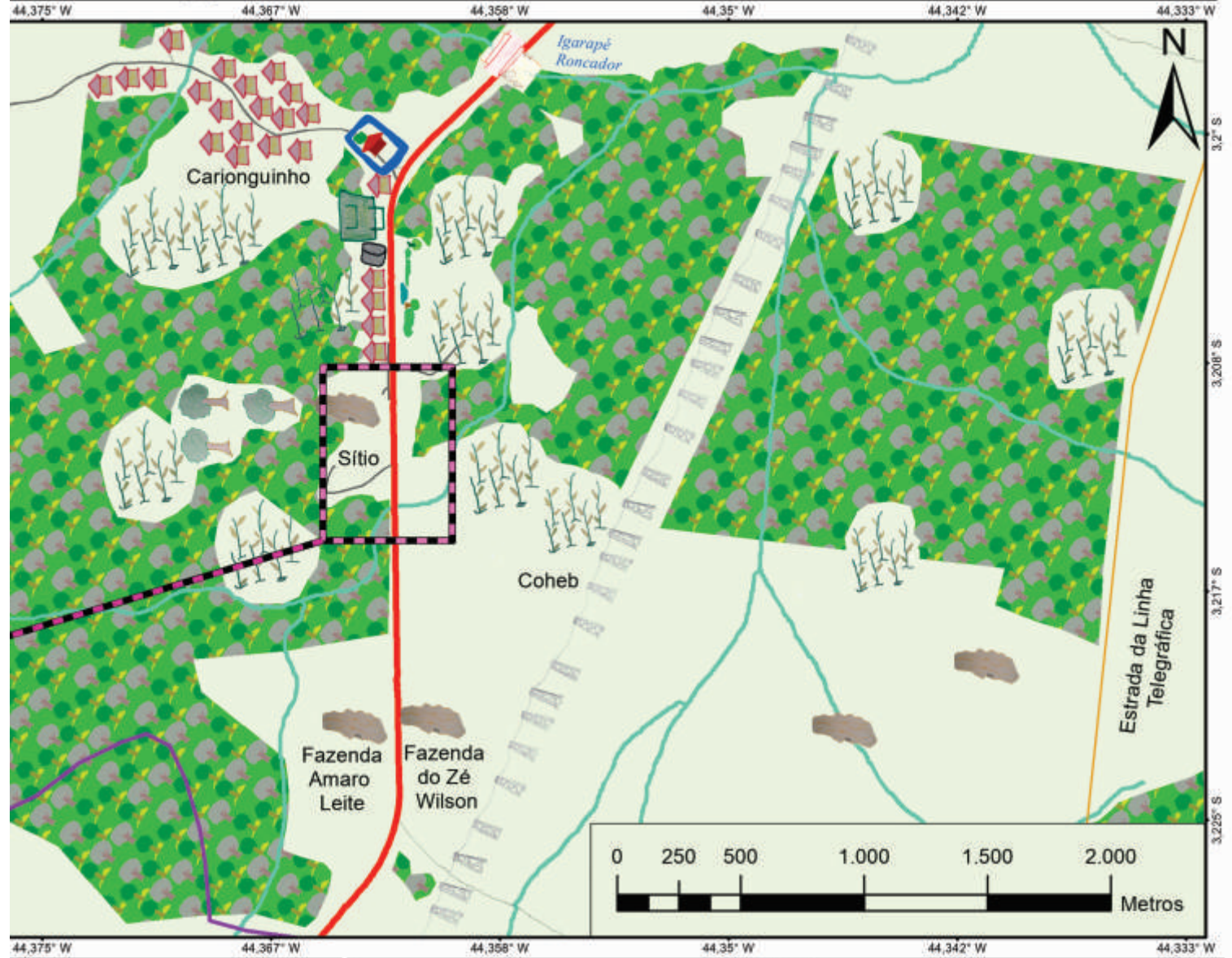
Equipe de Pesquisa:
Emmanuel de Almeida Farias Júnior, Tacilvan Silva Alves, Tomas Paoliello P.

Cartografia e Geoprocessamento:
Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira, Antônio José Araújo Cruz, Taiguara do

Fontes:
Croquis elaborados pela Comunidade Quilombola de Cariungo
Coleta de pontos GPS por membros da Comunidade Qu

Escalas:
Mapa maior 1:24.000 - Mapa menor 1:1
Sistema de Coordenadas Geográficas / W

Cariongo - Santa Rita/MA



Legenda

| | | | | | | | |
|--|-------------------------|--|----------------------------|--|------------------|--|----------------------|
| | Associação | | Casas | | Campo de Futebol | | Igarapé Caremão |
| | Escola | | Área de Roça | | Quadra de Futsal | | Ferrovia Carajás |
| | Casa de Farinha | | Roça de Arroz | | Quitanda | | BR-135 |
| | Biblioteca | | Barragem | | Tubo | | Linha de Transmissão |
| | Barracão de Capoeira | | Açude | | Poço Artesiano | | Mata |
| | Salão de Festas | | Bueira | | Poço Cacimbão | | |
| | Praça | | Pequizeiro | | Grota | | |
| | Igreja São Sebastião | | Pedra Divisão Carionguinho | | | | |
| | Assembleia de Deus | | | | | | |
| | Unidade Básica de Saúde | | | | | | |

Amazônia

Desigualdades: e atingem Amazônia e no Cerrado

Santa Rita e Itapecuru Mirim

ocial / ica da Amazônia - PPGCSPA / - UEMA

scheco de Oliveira, Antônio J. Araújo Cruz.

Santos Pereira e Edelson Leitão Maciel.

(Santa Rita), IBGE, INCRA.

ilombola de Cariongo.

5.000

SS 1984

A gente vai ser consultado, a gente vai decidir, né? Como a gente vê nesse processo, desde então, o comitê e o seus territórios que estão dentro, não somos contra a duplicação, mas ela não poderia acontecer da forma que estava acontecendo, porque quando a gente se espantou a máquina estava dentro da nossa comunidade e a gente teve que ir pra lá barrar. :“Não, aqui não. Não é assim. Você não tem autorização para estar aqui dentro, a obra não pode começar aqui, entendeu?” E aí a gente barrou, como César barrou em Pedreiras, nós barramos aqui em Cariongo, foi barrado em outros lugares também, por que? Porque o DNIT não respeitou, pularam todas as leis e mandou ver, entendeu?

(Antônia Cariongo, 2019)

Quando a gente chegou aqui... meu nome, Sueli Teixeira Dias, moradora do povoado Cariongo, sou filha de Maria do Rosário, moradora do povoado Cariongo. Quando os antigo chegaram aqui, não existia estrada. Existia... então fizeram uma estrada de piçarra que eles olharam, olharam a estrada até que passou o primeiro carro. Quando a gente chegou aqui a gente contava os carros que passava na estrada. De lá pra cá foi aumentando o fluxo e então continuaram a fazer pista e não construíram uma barreira eletrônica de nada na época, porque disse que era proibido. Não tinha sinalização de nada. Morreu o irmão da minha mãe, o carro matou, depois morreu o filho da menina que o carro matou, depois morreu um rapaz, morreu bem em frente lá de casa e foi acontecendo acidente atrás de acidente e aí quando aconteceu com o velhinho e com a criança foi que a polícia rodoviária veio aqui, até a polícia mesmo!

(Sueli Teixeira Dias, 2019)

Com isso, nós nos reunimos e cortamos a estrada mesmo. Santana veio, e isso foi pela noite. Foi um alvoroço tão grande que veio até a imprensa de São Luís, veio tropa de choque num dia porque a gente ia cortar em outro lugar. Como o DENIT chamou a tropa de choque, porque não era mais para cortar, a polícia rodoviária acertou com eles que era pra gente ir fazer uma reunião com eles lá em São Luís. Aí a gente foi, e para eles quem estava errado era a gente e eles que estavam certos. Como é que vocês estão certo? E se fosse um filho de vocês que morresse lá naquela estrada? Que fosse atropelado e morresse? Você ia fazer o quê? Ele se calou, porque quando é com a gente, eles acham que não sabemos de nada, porque somos de um povoado e não entendemos as coisas, aí ele não falou mais nada e ficou pra eles virem e fazer os quebra-molas. Foram feitos dois quebra-molas, três quebra-molas foram feitos bem aqui nessa BR, bem aqui.

(Sueli Teixeira Dias, 2019)

Sem falar que as placas de lá, que tem indicando onde é a curva, teve uma época em que teve uma festa no Carionguinho, que arrancaram todas as placas, aí a mãe veio e reivindicou de novo (...) e foram colocadas novas placas ali também. Perto do campo teve um dia que eles vieram e arrancaram essa placa do DENIT e colocaram uma de 80 km por hora e eu nem lembrei de tirar foto pra mamãe, mas eu liguei pra ela, mas falei que era bem ali perto do campo de futebol, bem onde tem indicando a barreira eletrônica que é indicado 60 km por hora. Falei pra ela, liguei e falei, aí na mesma hora ela tava em Santa Rita, ela largou o que ela tava fazendo lá e veio pra cá e fez eles tirarem a de 80 e colocar na mesma hora a de 60. (...) Aí mamãe ligou e parece que ela falou e reclamou lá porque eles não deviam fazer isso e eles falaram que eles não deviam colocar os pés na comunidade, colocaram pra fazer isso.

(Larissa Teixeira Dias, 2019)

“Passou o trem da Vale, passou? Passou! É pra cima aí. E quando foi, foi a desmatação (...)”

(Antônio Mariano Alves, 2019)

É... em relação a estrada de ferro que não é diferente da BR, a estrada de ferro também corta o território, mas ela traz vários impactos, e o índice de criminalidade é um. Por que? Porque muita gente que vem nesses trens não se sabe de onde estão vindo, principalmente antigamente que ele parava bem aqui, quando ainda

não era duplicada. O pó do minério que contamina, polui o meio ambiente, hoje eu sei que provoca também as doenças neurológicas com o passar do tempo que a pessoa vai inalando aquilo dali, porque o minério tem zinco e chumbo, parece que são esses dois composto, e tem a questão da poluição sonora, tinha muito essa questão de atrapalhar o vai e vem das pessoas mas que melhorou com a questão do viaduto, mas para construir esse viaduto foi todo um movimento que, como eu já falei lá atrás, houve interdição da ferrovia. Umas pessoas parece que passaram mais de uma semana com essa ferrovia interditada e aí foi que veio a questão do viaduto. Tem a questão com a duplicação da ferrovia e a questão dos igarapés. Nós temos vários impactos, por exemplo, hoje, o trafico dos trens que as pessoas não sabem de onde vem.

(Antônia Cariongo, 2019)

São dois igarapés que dão acesso no Carema, esses são os piores impactos para eles e além da poluição do meio ambiente, que contamina a água e o que a gente respira, tem a criminalidade, o uso de drogas que as pessoas veem nos trens e a gente não sabe de onde vem esse trafico através dos trens também. Eu mesmo já fiz denúncias para a própria Vale, porque está pra ser instaurada ao longo da ferrovia aqui nesse trecho que corta mais aqui (...) já fez até restauração, fazendo seus acampamentos lá e aquilo dali que não podia passar porque o neguim vai lá comprar droga e ele te assalta. (...) e depois de umas denúncias que a gente fez pra própria empresa eles conseguiram através de uma ação conjunta com a polícias (...) expulsaram alguns de lá mas a gente nunca sabe se esses caras não tão por lá, então é, é isso.

(Antônia Cariongo, 2019)

“De inverno é que a gente começa a plantar em dezembro. Dezembro e janeiro, e a de verão é de mês de agosto”

(Dona Raimunda Quirina dos Santos, 2019)

-É, é assim: os meus filhos roçam, aí é a capina, aí planto a mandioca, o arroz, capino, junto a coivara, planto o milho, a mandioca, o arroz e o feijão. É assim o serviço da roça. Tem o quê... a gente bota assim duas linhas de roça, duas, duas e meia aí bota de janeiro e bota de verão. De verão é o período de roçar e em dezembro a gente começa a platar.

Enfim trabalhei muito de roça e até hoje ainda trabalho de roça nessa idade... (...) na de verão é só a mandioca e às vezes o feijão que se planta também. Quando dá pro feijão a gente planta, quando não dá, porque às vezes a gente planta a terra e tá muito seca aí não dá de prosperar muito o feijão, é pouquinho. Agora a mandioca não, a mandioca às vezes ainda morre quando o verão é muito puxado, mas a que dá de escapar dá bem, dá boa, de verão. (...) É, eles roçam primeiro. Eles roçam, depois que roçam tocam fogo, a gente se ajunta e vamos ajuntar coivara. Da coivara vai ser o plantio do milho, do milho vai ser a mandioca, da mandioca bota o arroz. Depois que tá toda plantada a gente vai faxinar, que é com a catana que eu tô falando, que é o facão. A gente vai faxinar, aí pronto, vai esperar só colher.(...) A última é a farinha. Quando dá assim um ano, completou um ano tá boa de raiz, aí a gente vai arrancar.



Realização de oficina de mapas na comunidade quilombola Cariongo. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.



Moradores da comunidade de Cariongo, senhor Antônio Mariano e o senhor Nelton da Silva Guimarães, oficina de mapas. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.

É a mesma coisa os meus filhos e neto também, o neto que mora pertinho de mim. A gente bota tudo junto, colhe tudo junto. A gente vai arrancar e tem um moço ali na carroça que a gente carregava de carro de mão, quando não era, meu filho carregava na garupa da moto, quando tá no verão que tá tudo enxuto, o caminho, mas agora é na carroça porque tava alagado, molhado. O chão fica ruim de carregar no carro de mão que atola, faz muita força, aí a gente arranca, assim, 12 sacos, 10 sacos, 7 sacos, aí bota na água, aí vai torrar, descascar, ralar, enxugar e torrar. Depois divide, dá um paneiro pra um, um paneiro pra outro, meio pra outro. Assim, só pro consumo mesmo porque ninguém tá comprando, mesmo só pra consumo de casa.

(Dona Raimunda Quirina dos Santos, 2019)



Antônia T. Dias e Elenilson dos Santos durante a oficina de mapas em Cariongo. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.



Final da oficina de mapas em Cariongo em 16 e 17 de fevereiro de 2019

TERRITÓRIO QUILMBOLA DE SANTANA SÃO PATRÍCIO

A nossa comunidade, é uma comunidade que de fato nós passamos a ..., somos 140 famílias, sendo que 130 são cadastradas pelo INCRA e eu acredito que umas 10 ou 15 não são cadastradas, não tiveram cadastro, até porque muitos achavam que o cadastro ia prejudicar em alguma coisa. Aqui a maioria vive da roça, bem poucos faz parte da pesca.

(Jonas Silva, 2019)

Tiodora Ferreira, eu sou bisneta dela ... Aí veio a mãe do meu pai e já tá com 86 anos. Aqui essa estrada, a BR, era um caminho só. Foi quando veio o pico da estrada, depois veio o asfalto (...) Eu já me entendi com o asfalto.

(Ângela Maria Nascimento da Silva, 2019)

Nascida e criada aqui, já tenho 50 anos, completei agora. A história que Le fala é que era pelo sacrifício né? Muito sacrifício pra conseguir as coisas. A Teodora era de dentro da roça mesmo, que era a avó de meu pai, a mãe dele era Joana, Joana Ferreira. Ele é como eu falei, tem 86 anos, tá bem velhinho já e ele conta essa história pra nós como era a vida difícil que ele enfrentou (...) Todo tempo na roça, tirando da roça pra nos criar. Nós somos 5 filhos e fomos criados só com a força do braço mesmo, de roça. Agora já tem outras profissões né? aqui dentro mesmo, tem uns de roça, tem outras profissões, e a gente vai levando a vida né?

(Ângela Maria Nascimento da Silva, 2019)

Os Caminhos de Carema. (Jonas Silva, 2019)

É, a gente chamava o caminho de caminho do Carema, porque ele saía no campo, do campo ele vinha pro rio, quem vinha do Giquiri pra ir pros campos, vinha por ele. Inclusiv,e ele ainda tá colocado no meio dessas fazendas aí, mas a gente ainda ver. Essa parte aqui da BR até a linha de ferro ficou preservado porque o fazendeiro cercou do lado, o outro cercou do outro, ainda tem o caminho, tá é fechado que ninguém anda mais, mas ainda tem a estrada velha até a linha de ferro. E pra cá quem vai pro rio, os fazendeiros, quem foi comprando foi fechando e acabou com o acesso. (...) É porque nessa época existiam, eu vejo os mais velhos contar, donos de escravos no Giquiri e em Santa Rosa. Santa Rosa dos Barão, que hoje eles não querem que seja Santa Rosa dos Barão, eles querem que seja Santa Rosa dos Pretos. E esses acessos de Santa Rosa à Giquiri era passado aqui por dentro da comunidade. Esses caminhos passam daqui pra lá.

(Jonas Silva, 2019)

Tudo é braço do Carema. José Maria, 2019

Carema é um braço do rio que passa aqui nessa região aqui; ele vem cortando Pedreira, vem cortando Carema, Pedreira, Cariongo, Santana, São Francisco, Santa Rosa, Picos, ele vai longe aqui, o final dele é aqui logo. Tiodora lá era uma antiga moradia, hoje se você for lá você ainda vê onde eles moravam.

(Jonas Silva, 2019)

Muitas coisas que existiam, hoje não existe mais. **José Bonifácio, 2019**

José Bonifácio, eu tenho 83 anos. Então, aqui era muito bom, mas já depois que começou as estradas as coisas foram piorando cada vez mais. Muitas coisas que existiam, hoje não existe mais. Então, só o que eu tenho pra dizer é isso. (...) As áreas, porque os fazendeiros tomaram de conta, ninguém pode entrar nas áreas deles. Se quiser pegar um peixe não pode, se quiser tirar uma madeira pra fazer uma casa não pode, eles nos proíbe, então a situação piorou mais.

(José Bonifácio, 2019)

O povo vivia da caça e da pesca. A caça sumiu, porque hoje em dia eles desmataram tudo e foram embora. A pesca fica limitada, porque o gado destrói os igarapés. Ainda tem mesmo porque é obra da natureza. É uma coisa muito importante, porque eles entopem, faz barragem, ela vai derriba e continua. Esse Carema que a gente tem aqui ele ficava água de inverno em inverno, hoje você vê quando dá, em agosto, setembro, outubro ele já tá seco, não tem mais água, porque com o destruímento das nascentes dele, ele seca, não fica água como ficava, que os meninos que vinham de Pedreira, o povo pescava de inverno em inverno, hoje não, tem uma época do verão que ele seca.

(Jonas Silva, 2019)

E nesse tempo não existia, aqui tudo era mato, ninguém era dono de terra, porque quando a gente chegou aqui ninguém conhecia ninguém como dono de terra, todo mundo trabalhava aí e ninguém sabia quem era dono de terra. Na chegada de um deputado que disse que era Procurador do Estado, olhou a terra, como não tinha documento, era do Estado. Saiu vendendo, enchendo de fazenda. A gente tem uma área que a gente trabalha que tá no mapa aí, que é essa Fazenda Santana, foi ganho com muita luta, com muita briga, teve conflito, teve muita coisa. A gente passou mais de 15 anos lutando. O fazendeiro botou a documentação na Justiça Federal e ninguém sabia nem onde era que tava esse Processo. Há uns 2 anos a gente foi chamado pra uma audiência, não apareceu nem o advogado, nem o dono dessa fazenda compareceu na audiência e o juiz deu ganho de causa pra Comunidade que é só essa área que a gente tem pra trabalhar, essa fazendinha Santana que tá escrito aí, o resto todo é fazenda que ninguém pode entrar (...) Tá limitado, você trabalha hoje aqui, muda pra outro lugar pra esperar que onde a gente começou a trabalhar se recupere pra poder começar de novo. Porque antes a gente trabalhava pra qualquer lado; esse Carema dos Marques era o maior produtor de arroz que tinha na região, hoje nenhum de nós aqui planta arroz porque essas terras a gente não pode mais trabalhar nelas (...) Porque todo mundo tinha arroz aqui, não era Zé? (...) E Muitas fazendas, depois de prontas já desmatadas, devastadas agora eles tão usando motosserra, cortando e derrubando as palmeiras pra que as pessoas não entrem debaixo da cerca, porque a pessoa pra juntar o coco tem que mergulhar debaixo da cerca pra tirar, pra botar pra fora, aí eles vão e derrubam as palmeiras e a pessoa vai tirá da onde? Eles derrubam as grandes que tão botando cacho, eles colocam veneno nas que tão nascendo. Você vê só o campo aqui, mas essa região da gente aqui, era a que mais tinha babaçu. Você vê nas áreas onde não foi desmatada, que a gente trabalha que tem muito babaçu, mas a área das fazendas as palmeiras pra cá e pra acolá vem os homens e derrubam um tanto pra se livrar da fiscalização, quando passa a supervisão derruba outro tanto. É assim (...) daqui a 10 anos não vai ter mais nenhuma.

(Jonas Silva, 2019)

O arame tá no quintal. (José Maria, 2019)

Rapaz nós tamo cercado de fazenda. Você vê, aqui tem a Larissa, aqui atrás tem essa do Manoel Ribeiro, a G.U., bem de lado já tem a outra que é do Amaro que era Progresso e não sei como que já é, tem a fazenda de (...) aí tem a Bom Sossego, tem a fazenda J. Rezende, tem a fazenda Lima, tudo em redor da gente aqui. Nós tamo cercado de todas essas fazendas.

(Jonas Silva, 2019)

É (...) Só o que cerca nossa comunidade são essas. E tem delas que o arame tá no quintal, o quintal é o limite e o arame na beirada do quintal. É como eu to explicando pra vocês: nós tem esse pedacinho bem aí no Centro da Tiodora e tem aquele que tá no mapa, a Fazenda Santana com 200 e poucos hectares, até porque quando eles medem eles tiram a BR aí a Eletronorte eles não inclui; até porque mesmo a gente não pode fazer movimentação de plantio. Aqui, como eles tão metendo trator pra roçar, essa que é a área que a gente tem disponível pra trabalhar. (...) Inclusive ele tinha uma área lá no carema do barco ne? Hoje, uma parte é Larissa, outra parte é G.U. Lá era um povoadozinho com bastante família, uns vieram pra cá pra nós, outros foram pra São Luís, foram largando porque (...) O São Patrício sobreviveu poucas famílias, o excedente deles tão tudo em São Luís porque foramilhado, não tinha onde trabalhar. Essa fazenda Santana você ia buscar uma carga de mandioca, botava no seu animal, chegava no portão e o portão tava no cadeado. Você ia ter que arriar a sua carga e esperar a boa vontade do vaqueirozinho pra abrir o portão pra sair com a sua mandioca que tava lá pra fazer sua farinha, já que parte da roça o gado já tinha comido, porque eles já tinham soltado o gado dentro da roça, porque ficou só essa área pra trabalhar, a gente tinha que fazer todo esse sacrifício e o Pindaí ainda continua assim, porque nós não tem outra área, nós tem esse território demarcado aí, nunca foi pago o fazendeiro, a gente não pode nem meter o pé lá dentro porque (...) Tá so o RTI dele que tá concluído, mas nunca foi liberado nada. Nós tem essa áreazinha que nós ganhamos na Justiça, que é onde a gente ainda trabalha, que ainda teve muita luta, muito conflito. O fazendeiro depois que, o que vendeu pra esse cara, depois que o cara perdeu a questão da Justiça ele voltou a querer tomar a área; ele ainda veio, derrubou casa e fez um monte de (...)

(José Maria, 2019)

Os carros que carrega minério são igual uma caçamba, ele vai cheio que vai quase virando. Chovendo é que ele vai descendo na beira da linha. Aí ele vem, com a chuva ele cai nos igarapés pequenos, nos igarapés pequenos vai tocando nos outros e vai chegar no Carema. O Carema agora tem um tipo de água porque tá cheio e tá escorrendo, quando ele começa a parar de correr, que ele começa a cortar, a fazer a pulsão a água é amarelinha e não deve ser de folha, de nada não, deve ser desse problema de minério que ele trás de lá. A gente que ainda tem sorte, que come o peixe e ainda não se sentiu mal.

(Jonas Silva, 2019)

Foi em 40 ou 41, por aí, ela passou variando. Em 50 eles fizeram a estrada da roçada, eles fizeram, como é que se diz?

(Seu Pedro, 2019)

De terraplanagem, em 50. Ela ficou, agora é área de pista eu não sei se foi na época que Sarney foi governador, foi que botou pista, mas ela saiu em 50, o asfalto. Aqui, daqui era estrada de boiada de pernambucano, paraibano, mineiro, e paraenso, carregando gado pra São Luís. (...) Endereço, telefone, identidade, quem era casa de taipa, casa de tijolo, coberta de palha, é quantos anos, tudinho eles fizeram lá em casa. Disseram assim: “Olha seu Pedro qualquer momento tem gente que lhe procure”, disse pra mim. Até hoje ninguém me procurou, nunca ninguém procurou, nunca ninguém chegou aqui pra dizer assim: “Olha, vem um médio assim tal, tal, tal”, mas ele nunca chegou a dizer assim: “Oh rapá aqui vai passar estrada”. Então eu to esperando, esperando eles pra vim conversar, eles não vem,

(Seu Pedro, 2019)



Oficina de mapas realizada na comunidade de Santana. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.

Ainda tem a questão das boeiras, como vão ficar? (Rose Marques, 2020)

Na quarta-feira de cinzas, houve a primeira enchente aqui no povoado que deixou 9 casas alagadas, as famílias perderam praticamente tudo. Com as fortes chuvas, a água se acumula em frente ao boeiro que só tem um tubo e com isso a passagem se torna muito lenta, não tendo para onde ir, com vai ser isso quando duplicarem a BR? As famílias impactadas são dona Maria José, Rose, Cenilson, Nonato, Jamilton, Fabiana, Maria Marques, Patrícia.

(Rose Marques, 2020)

Os perigos na BR 135. outra questão são os acidentes ocorridos em nossa comunidade, pois bem em frente à escola é uma das áreas de acidentes, porque não existe sinalização, os veículos passam em alta velocidade, os alunos e moradores precisam atravessar a BR para comprar algo no comércio, ao fazer isso é bastante perigoso. Já houveram alunos que foram atropelados, infelizmente um aluno morreu, sem contar que já ocorreram vários outros acidentes que pessoas morreram.

(Rose Marques, 2020)



Participante da oficina de mapas desenhando e apresentando o croqui do território



Realização do curso de capacitação em gps: módulo básico, na comunidade de Santana. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.

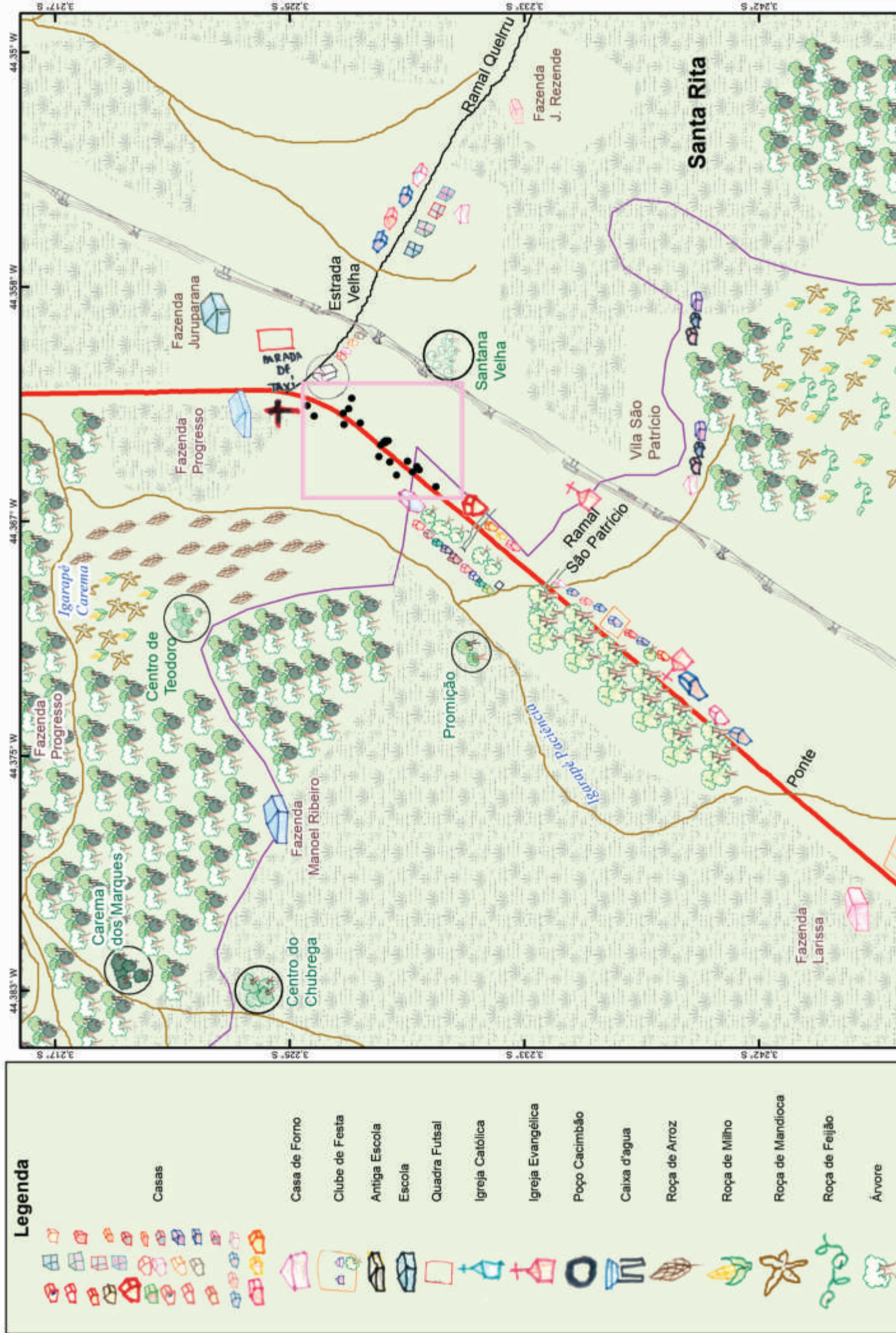


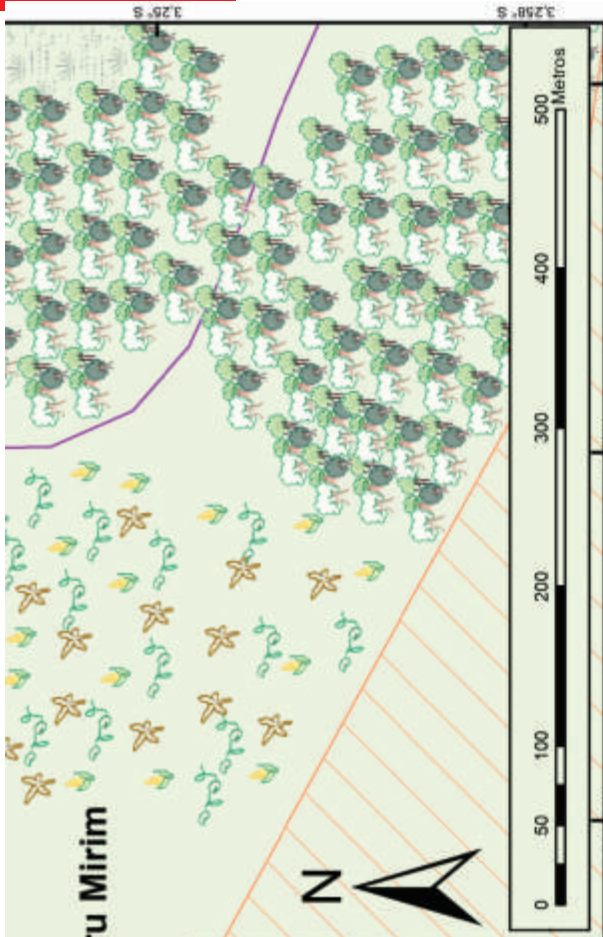
Árvores da comunidade de Santana com identificação da contagem para serem arrancadas durante a duplicação da BR 135.



Final da oficina de mapas em Santana nos dias 23 e 24 de fevereiro de 2019. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.

Comunidade Quilombola Santana/São Patrício - Santa Rita e Itapecuru Mirim/MA





Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades: Cartografia Social dos Conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado

Comitê de Defesas dos Direitos dos Povos Quilombolas de Santa Rita e Itapecuru Mirim

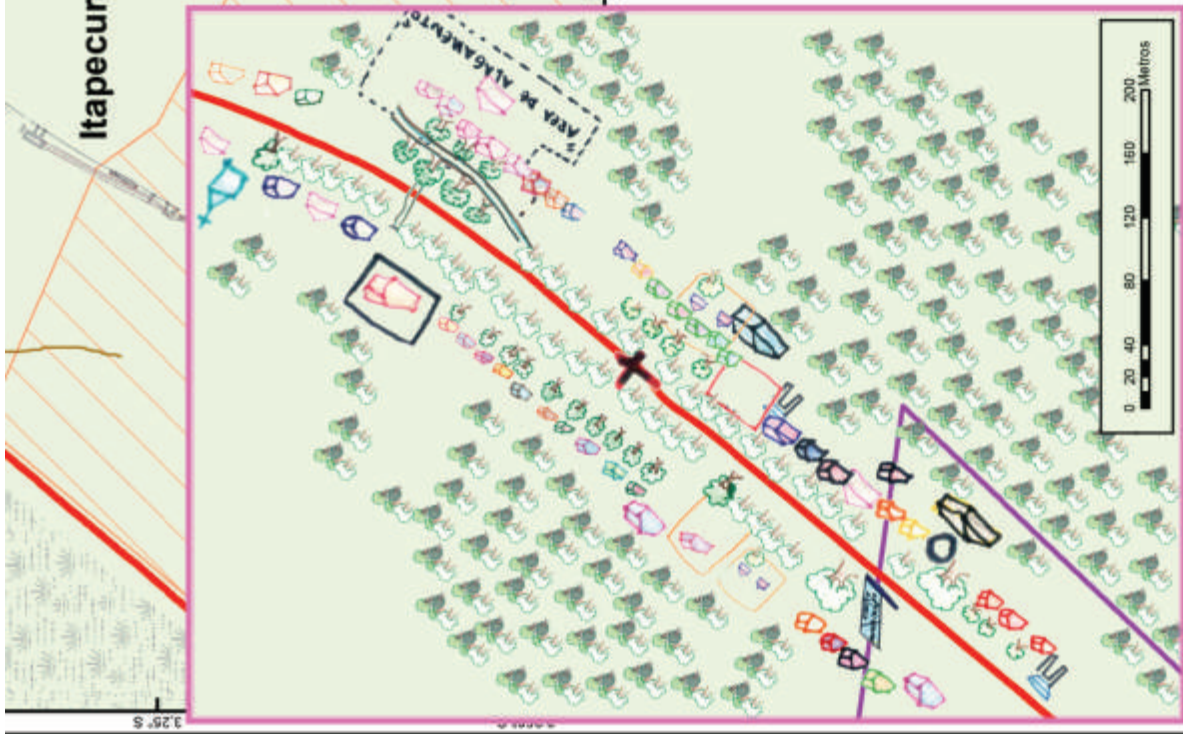
Laboratório Nova Cartografia Social / Programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia - PPGCSPA / Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Equipe de Pesquisa:
Emmanuel de Almeida Farias Júnior, Tacilvan Silva Alves, Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira, Antônio José Araújo Cruz.

Cartografia e Geoprocessamento:
Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira, Antônio José Araújo Cruz, Taiguara dos Santos Pereira e Edelson Leitão Maciel.

Fontes:
Croquis elaborados pela Comunidade Quilombola Santana (Santa Rita/Itapecuru Mirim), IBGE, INCRA, Coleta de pontos GPS por membros da Comunidade Quilombola Santana.

Escala:
Mapa maior 1:18.000 - Mapa menor 1:4.500
Sistema de Coordenadas Geográficas / WGS 1984



| | |
|----------------------------|----------------------|
| Igarapé Carema | Linha de Transmissão |
| Caminhos | Pastagem |
| BR-135 | Mata |
| Assentamento São Francisco | |
| Limite Municipal | |

| | |
|--|-------------------------|
| | Mangueiras |
| | Santana Velha |
| | Centro de Teodoro |
| | Centro do Chubrega |
| | Carema dos Marquês |
| | Promissão |
| | Cabana |
| | Comércios |
| | Restaurante |
| | Parada de Táxi |
| | Borracharia |
| | Chácara Rosalina |
| | Chácara Sem Nome |
| | Fazenda Juruparana |
| | Fazenda Progresso |
| | Fazenda Manoel Ribeiro |
| | Fazenda Larissa |
| | Placa Divisão Municipal |
| | Bueiro |
| | Ocorrência de acidentes |
| | Redondão |

TERRITÓRIO QUILOMBOLA PV DE PEDREIRAS, VIOLAS

Chamaram a gente pra uma reunião. Isso lá. Marcaram a primeira reunião, mas o que eles conversaram com a gente eram sempre dizendo a mesma coisa: “são invasores”. Vem dizer aqui pra vocês que isso aqui pertência ao DNIT e nós continuava dizendo que não pertencia, porque não existia DNIT, não existiam BR, não mais era da BR e depois o DNIT assumiu, mas mesmo assim ele dizia que não era terra de vocês e a gente vai provar pra eles que a partir de hoje, a nossa história, que vocês vão conhecer, que realmente é legítima que nós já estávamos aqui antes da abolição da escravatura desde 1802.

(Antônio Cesar Costa Ferreira, 2019)

E depois que eles foram embora, já não tinham mais como, o deputado Raimundo Leal conseguiu pagar os honorários dessas terra, ele como procurador do estado assumiu todas essas terras (71.635 hectares de terra) de Gaiolinha que é aqui no município de Itapecuru, vindo aqui por dentro se vocês observarem ele conseguiu essas terras porque passa por dentro de área de quilombo, pois é de Santa Rosa ele conseguiu sair de Santa Rosa, passar por trás, chegar até Gaiolinha, mas de lá ele veio observando que ele passou por terras ali, as terras que são de quilombo de Filipa, não é? Ele veio aberando Filipa, Porto, aberando o rio. Travessou aqui do outro lado do rio, veio até Quelru, cortou aqui, foi até Santa Filomena, Girijó, todas essas terra desse lado aí; quem aproximou os fazendeiro? Zé Wilson, é...esse... A questão da agroindústria de Quelru, que faz essas terras agora que é de São Patrício, é aquele cara lá, o Zé lima, que fica ali na estrada de Quelru. esse Walter que vendeu pra esse agora, passou Rezende, as terras do Centro do Viola. As terras que fica ali, que justamente Didi comprou, que de qual origem ele comprou né, as terras de Julieta Guimarães, as terras da fazenda São Luís, todas essas os fazendeiros são recentes. Isso vai ajudar muita gente na questão da cartografia, porque a gente vai explicar que isso não tem tempo, que esses caras assumiram essas terras porque eram terras quilombolas que a gente vivia dentro, fazia, andava, ia pra onde queria e eles foram assumindo essas terras, (...) tudo então essas terras era da gente.

(Antônio Cesar Costa Ferreira, 2019)

Em 1940 passou o primeiro pico de rodagem de estrada da BR135, chegando neste cujo lugar, Pedreira, primeira turma para o trabalho de pico roça, chefiada pelo senhor Lima Campo, a segunda turma foi para roçagem e destacamento por Tomaz Felix, e a segunda turma fez o trabalho de valentão e baluação da estrada chefiada pelos mesmos administradores; fala uma parte da educação. Pedreiras, já com um bom número de famílias, mas não existia escola, mas graças a deus, pelo interesse do senhor Zacarias, foi conseguida uma professora. Foi conseguida pelo deputado Ivan Saldanha, já falecido, e governante na época, que já havia prometido uma professora ao mesmo para Pedreira, onde foi conseguido a professora, Raimunda, irmã do comerciante de Santa Rita. Pessoa bem concedida abandonou o cargo por volta de 1958, mas com o mesmo interesse ela voltou à cidade de Rosário e conseguiu outra professora por nome Margarida de França que deu início às suas atividades educacionais em Pedreiras, no dia primeiro de julho do ano de 1959, com uma sala de aula única a partir do ABC até a segunda série. E essa quarta de 2019

Lá na Pereira Velha, eles contavam que foram nascido e criados lá e que eram dos quilombos , que aqui, nessa época que eu alcancei ainda , quando eu me entendi , comecei a me entender. Isso aqui era a estrada, era só um carreçau , um matão que cobria o rumo da estrada e daí pra frente , eles começaram a alargueçar a estrada. Nesse tempo, o pessoal era mais tolo, não sabia o direito que a gente tinha, deixaram a passagem (...) e hoje não , a gente descobriu os direitos que a gente tem e eles querem passar por cima sem dar uma definição pra gente , então isso é uma luta que a gente ta aqui , pra gente saber dos direitos da gente , porque a gente quer os direitos da gente, porque não é assim . A gente não vai chegar na casa do companheiro aqui, invadindo sem falar com ele, pra eu invadir eu tenho que conversar com ele, se eu posso ou não, eles querem, eles vão passando aí como coisa que eles é que manda aqui na coisa, mas nós temos nossos direitos e nós queremos nossos direitos. (...) Quando eu me entendi, já tinha , mas era .. pra passar um carro por aqui era quase ano por ano , a gente andava mais era de pé. Tinha o variantzinho que a gente andava, eles andavam, ai de lá pra cá que já ajeitaram mais a estrada. (...) A gente fazia a rocinha da gente, pra gente trabalhar, plantar mandioca, feijão, arroz e não tem rio aqui, mas tem uns igarapé e nós ia pesca uns peixinho pra nós comer. Era uma vida muito cansada, às vezes no caminho a gente encontrava um homem que vedia caranguejo e quando ele nos via se abria assim oh , nós agarrava ele , ele mordida a mão da gente e nós levava pra comer com farinha na roça. Hoje a gente não vê mais isso , não , a gente ia tira gongo nos mato pra ir pescar naqueles igarapézinhas que tinha , a gente via cada piaba , água limpinha parecia anil , hoje você anda por aqui é difícil você ver uma piaba , se acabou tudo , essa estrada destruiu tudo , porque entrou muita gente que destruiu com tudo, trouxe muita coisa boa pra gente , mas trouxe muita coisa ruim.

(João Batista Muniz, 2019)

Com a BR 135 muitas comunidades quilombolas foram migrando por causa dos transportes, e com o aumento dos quilombolas muitas de suas farturas de frutas também foram acabando, por exemplo, na Pedreira Velha tinha muita juçara, e buriti, mas as pessoas foram derrubando as juçareiras para tirar ripa pra cobrir casas com telhas e então foi acabando as plantas, foi acabando as frutas.

(Antônio Cesar, 2019)

Tem o roncador que atravessa aqui na estrada, tem o Carema ,que chamamos Caremão, tem outros (..) que a gente chamava , tem a bueira bem aqui , tem outro que era o cordinho, la perto de Pedreira e ele tinha a água muito azul, nós chamava de lagoa azul.

(João Batista Muniz, 2019)

Meu nome é Antônio, quando eu me criei já era Centro dos Viola, eu nasci em santa Rita e nesse tempo chamava só o Centro e com o tempo começou a chamar de Centro dos Viola , até hoje existe esse Centro dos viola. Eu, meus irmãos tudo se criaram lá. Nesse tempo meu pai trabalhava no Departamento foi demitido, foi trabalhar de roça então nossa infância foi todo tempo lá, com dificuldade, porque não tinha ponte, não tinha estrada não tinha nada. Foi aí que a gente começou a se separar uns pra cá outro pra acolá porque não tinha

escola lá e hoje ta todo mundo separado, mas o Centro de Viola ta lá. Nesses tempo nós fazia roça lá. Meus pais são de Santa Rita e continuo trabalhando de roça. (...) Carema é porque tem um povoado Carema, então com isso o igarapé passa encostadinho desse povoado e eles botaram o nome de Carema, então quer dizer que o igarapé todinho passou pro nome de Carema por conta desse povoado, esse nome do igarapé é muito antigo

(...) A importância do carema é por ser um igarapé de muito peixe, o melhor peixe que tem nessa região é o peixe do carema. Então, é por causa disso que ele é um igarapé querido, por causa do peixe dele.

(Antônio, 2019)

Só pra reforçar, assim um pouco, para não criar uma polêmica entre Centro dos Violas e Pedreiras, tá? A gente sabe que o foco é Pedreiras, mas lembrando dentro deste tema de reconhecer o direito, Pedreira e Centro dos violas. Então quer dizer que Pedreira o registro saiu da onde?! Lá de onde Zacaria morava era Pedreira Velha, mas isso não quer dizer mas ta tudo dentro do território só, Centro dos Violas não pulou a fronteira de Pedreiras e ta todo tempo dentro do seu território, porque Pedreira é quilombola e Centro dos Violas também é, ou seja, só fez se deslocar de um local para outro, veio de trás para frente, mas para dentro do seu território, ou seja, Pedreira de um lado e Centro dos Violas do outro e o que estão discutindo é isso, para os dois, Pedreira e Centro dos Violas que mora tudo dentro de um território só.

(Antônio Raimundo, 2019)



Realização da oficina de mapas na comunidade de Pedreiras. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.

Um exemplo é a comunidade do centro dos violas, que os fazendeiro compraram as terra, adquiriram a escritura das terras. Primeiros eles delimitaram a área deles e tiveram que brigar por um espaço que já era deles, meio ambiente deles, em que ele viviam, caçavam, pescavam, e sobreviviam fazendo a roça. Essas histórias do igarapé, vai impactar sim, nós devemos estar atentos a essas questões, principalmente a gente. Eu moro a 15 metros da BR federal, é um impacto da ferrovia. Nós temos um exemplo bem aqui sobre essa estrada. Quantas pessoas morreram em uma comunidade vizinha, irmão da gente nesse lugar, porque não tinha um viaduto e depois de muitas pessoas morreram que foram impactadas, que mexeu no meio ambiente, no lugar onde eles vivem e sobrevive. Então, pra isso é bom discutir o que o Cesar tá fazendo, esse movimento as pessoas podem pensar assim, talvez essa reunião é pra defender, num sei o que, num sei o que, num sei o que, não! Pra defender interesse da comunidade. Se impactar nosso meio de viver aqui, pra construir uma BR dessa, quantas pessoas já morreram aqui, antes desses quebra mola? Então o que vai acontecer Cesar... eu sempre converso com Cesar, uma passarela em escola, um semáforo pra evitar o que? isso ai ... Porque vai mexer com nosso meio ambiente e é importante cada um dá sua sugestão.

(João Batista Muniz, 2019)

Para se construir alguma coisa eles destrói outra. (Josuel G., 2019)

Como foi dito, o tema é meio ambiente, para se construir alguma coisa eles destrói outra, como falaram dos igarapé lá na região do campo, do alagado. Eles atravessam essa região todinha, de cabo a rabo, Pedreira, Centro dos Viola, e desagua na no rio Itapecuru, e essa obra de grande porte vai ter um impacto ambiental, então eu creio que essa obra vai ter um grande impacto ambiental; seja grande ou pequeno, mas vai ter, era só isso que eu queria frisar.

(Josuel G., 2019)

Muitas árvores também foram derrubadas para fazer peças cerradas pra casas e para tábuas para portas e até para caixões pra defuntos. Nesse tempo era feito artesanal.

(Antônio Cesar, 2019)

Um exemplo é a comunidade do Centro dos Viola, que os fazendeiros compraram as terras, adquiriram a escritura das terras. Primeiros eles delimitaram a área deles e tiveram que brigar por um espaço que já era deles, meio ambiente deles, que ele viviam, caçavam, pescavam, e sobreviviam fazendo a roça. Essas histórias do igarapé vão impactar, sim. Nós devemos estar atentos a essas questões, principalmente a gente, eu e ele ... eu moro a 15 metros da BR federal e um impacto da ferrovia, nós temos exemplo, bem aqui sobre estrada. Quantas pessoas morreram em uma comunidade vizinha? Irmão da gente, nesse lugar, porque não tinha um viaduto e depois de muitas pessoas morrerem que foram impactados, que mexeu no meio ambiente, no lugar onde eles vive e sobrevive.

(Marcos Suel Silva Muniz, 2019)

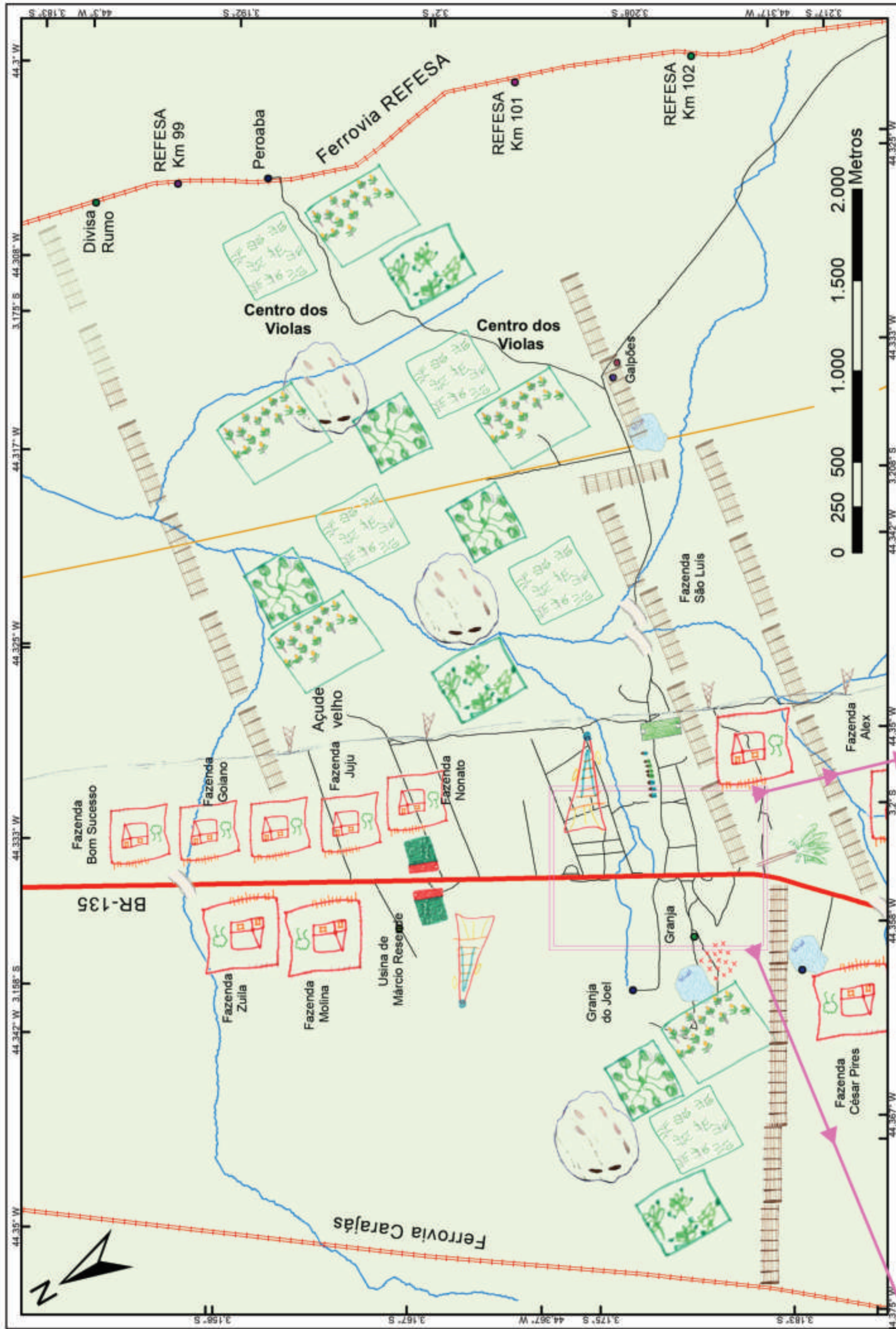
Eu acho assim o meio ambiente, porque se eles passarem aqui, como eles estão falando que vão passar, então eles prejudicam, nós como pescadores, então tem o roncador, que nem todo mundo pesca, mas a gente já vai lá pegar, um negocinho que a gente toma banho, um pessoal no caremão, então eu penso que prejudica.












































(Lucilene, 2019)



Moradores da Comunidade de Pedreiras na Oficina de mapas. Da esquerda para a direita, senhor José Pinheiro e as mulheres participantes da oficina de mapas falando sobre ervas medicinais da comunidade de Pedreiras. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.)

Comunidade Quilombola Pedreiras - Santa Rita/MA



| Legenda | | | |
|---|---|---|---|
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  |  |  |  |
|  | |  |  |
|  | |  |  |
|  | |  |  |
| | |  |  |
| | | |  |
| | | |  |
| | | |  |
| | | |  |
| | | |  |
| | | |  |
| | | |  |
| | | |  |
| | | |  |
| | | |  |
| | | |  |
| | | |  |

Comitê de Defesas dos Direitos dos Povos Quilombolas de Santa Rita e Itapecuru Mirim

Laboratório Nova Cartografia Social /
Programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia - PPGCSPA /
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Equipe de Pesquisa:

Emmanuel de Almeida Farias Júnior, Tacilvan Silva Alves, Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira, Antônio José Araújo Cruz.

Cartografia e Geoprocessamento:

Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira, Antônio José Araújo Cruz, Taiguara dos Santos Pereira e Edelson Leitão Maciel.

Fontes:

Croquis elaborados pela Comunidade Quilombola de Pedreiras (Santa Rita), IBGE, INCRA.

Coleta de pontos GPS por membros da Comunidade Quilombola de Pedreiras.

Escala: Mapa maior 1:25.000 - Mapa menor 1:7.000 | Sistema de Coordenadas Geográficas / WGS 1984



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

**Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades:
Cartografia Social dos Conflitos que atingem
povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado**



Dona Maria Celeste da comunidade de Pedreiras apresentando algumas das ervas medicinais - babosa, açoita cavalo, alho, coquinho, mastruz, pitoco, capim-limão, hortelã do rei, hortelã da folha grossa e jardineira - encontradas na comunidade. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.



Senhor José Pinheiro, senhor Firmino e dona Maria Celeste na oficina de mapas em Pedreiras. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.



Realização da oficina de mapas na comunidade de Pedreiras. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.



Participantes da Oficina de Mapas realizada na comunidade quilombola de Pedreiras. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.

TERRITÓRIO QUILOMBOLA OITEIRO DOS NOGUEIRAS

Que assim o P.A são nove povoações :Jaibara, Oiteiro, aqui é dividido Oiteiro 1 e Oiteiro 2, São José dos Matos, Entroncamento, Picos 1, Picos 2, Cachoeira, Brasilina e Felipa. Esses nove é o P.A esse P.A ele tem vários territórios quilombolas.

(Raimundo Nonato Siqueira, 2019)

Meus colegas que moravam aqui há muito tempo, já morreram, porque falaram na Jaibara e falaram nesse lugar. Olha, na Jaibara, na época que eu conheci nem cemitério tinha, o cemitério dos antigos era aqui, todo mundo sepultava aqui. Agora onde era o cemitério do Oiteiro ali atrás é lá que era o cemitério. Aqui o nome daqui do Oiteiro, era Oiteiro dos Pretos, porque as pessoas da Jaibara que juntamente com o povo negro que vinham pra cá, quando o seu servo esse pessoal mais velho morava lá na Jaibara era daqui do Oiteiro, era de Joaquim Nogueira só se tinha de Oiteiro com Jaibara porque que justamente era apelido Caetano não era de Júlio, botaram o nome do Júlio mas o apelido era Caetano, então quando eles acharam que tiveram no poder, eles criaram a comissão deles, a comunidade deles, aí foram crescendo o tipo das coisas, eles se separaram do Oiteiro, mas sempre aquela coisa dentro de nós que você sabia que a escravatura e as coisas dos branco que não quis se unir com o preto.

(Lúcio, 2019)



Senhores Teni Campelo e Nonato, e dona Maria José dos Santos (ao fundo) durante a construção do Croqui do Território Quilombola de Oiteiro dos Nogueiras. Fonte: equipe de pesquisa, 2019

Momento de construção dos croquis do Território de Oiteiro dos Nogueiras. Fonte: equipe de pesquisa, 2019



O fundador da Jaibara, Júlio, era meu avô que morreu com 89 anos, ele morreu em 66, tava com 89 anos e ia completar os 90 anos. Ele nunca me falou que ele foi o fundador de Jaibara. Foi um que chegou depois que a gente e é fundador de Jaibara? É diferente, né? É o contrário, né? Aí Júlio vai pra Jaibara, o que eles disseram pra ele, ele fez o contrário, eles disseram: "Ó tu paga o fórum pra eles, os que roçaram dentro". Júlio chegando na Jaibara, se tiver alguém parente dele aqui, me desculpe a expressão que eu vou dizer, que isso aí não foi conto, isso aí eu vi e participei e o que ele fez na Jaibara, chegou lá foi botar os pessoal que morava dentro da área dele botaram pra fora, muitos pais de família saíram da Jaibara porque ele botou pra fora das terra dele, justamente que nós fomos vítima dele. Ele chegou na nossa casa e me despachou do nosso terreno, nós não saímos. Sabe por que? Porque o irmão dele, que era Dorico, morava com a irmã da minha tia, e meu pai morava com ela que era irmã do meu pai e Dorico disse: "você não sai, daí você não sai". Aí que nós ficamos, mas muita gente saiu de lá desse local. Depois, o que aconteceu, eu acho que ele não soube mais notícia dos verdadeiro que disse que era o dono daqui. O que eles fizeram; foi brigar pra querer tomar a terra, foram brigar pra querer tomar a terra até aqui na Pitombeira. Eles queriam ir brigando pra querer tomar essa terra até aí, território que pertencia Jaibara, foram brigar e Dorico, cê conheceu Dorico que tinha umas bostinha de gado umas cabecinha de gado? Acabaram com tudinho, questionando pra poder tomar essa terra, a derradeira novilha que Clóvis tinha, que era filho de Dorico, uma novilha caiada, me lembro como se fosse hoje, uma novilha grande caiada, vazia lá na roça e ele vendendo pra do Carmo de Itapecuru. Isso eu me lembro, eu não consegui, eu não consegui a terra, fica Joana e Júlio e Nhozinho que era irmão, era filho de José Júlio, ficaram morando lá. Bom quando eles pegaram um tempozim que pegaram uma condiçõzinha o que eles fizeram? Voltaram de novo. A questão com nós não foi com os mais velhos que já tinha morrido, ficou os mais novos, eles começaram questionando



Senhor Benedito Belfort acompanhando Jean Carlos e Milena Santos na marcação dos Pontos de GPS na comunidade quilombola de Picos I.
Fonte: arquivos da comunidade, 2019.



Milena Santos na companhia do Senhor Domingos e do senhor Camilo durante a marcação de Pontos GPS na comunidade quilombola Jaibara dos Nogueiras.
Fonte: arquivos da comunidade, 2019



Elinalva Moreira dos Santos, da comunidade quilombola Oiteiro dos Nogueiras, e senhor Domingos de Jesus da Conceição, da comunidade quilombola Oiteiro II.
Fonte: arquivos da comunidade, 2019.



Oficina de Mapas na Comunidade Quilombola Oiteiro dos Nogueiras.
Fonte: Equipe de pesquisa, 2019



Tambor de Criola na comunidade de Oiteiro dos Nogueiras.
Fonte: equipe de pesquisa, 2019.

pra querer tomar essa terra e lutaram e lutaram até que um dia eu fiz um empréstimo num banco e fiz uma roça muito grande e tive muito arroz e um (...) e foi lá pra casa cobrar o fórum, foi pagar o fórum da roça, e eu disse pra ele que eu não pagava e ele disse: "Por que que não paga? Que a terra é nossa?", e eu digo: "Eu não conheço como tua. Eu conheço a terra de vocês, com 50 hectare eu conheço aonde que passa". Bom, ficou, o que ele fez foi da parte de nós e eu to indo, meu cunhado ta vivo e nós fomos intimados pra Itapecuru pra delegacia de Itapecuru, chegando na delegacia o delegado procura pra nós: "Por que que vocês tão se negando de pagar o fórum pra seu José Caitano?" Nem eu sabia o nome dele. Eu ouvia falar Nhozinho, Nhozinho, nem eu sabia que o nome dele era Zé Caitano. Bom: "Por que vocês tão sonhando?" eu digo: "Doutor, eu, nós não pagamos o fórum, porque eu tenho certeza que a roça que nós tem não é na terra deles, eu tenho certeza!" Bom, o que acontece? O delegado exigiu pra ele o documento, e disse: "Ó seu José, você traz o documento pra gente averiguar o documento pra saber a real, né?" Como ele não tinha documento, ele perdeu a questão pra nós. Ele não tinha documento, ele perdeu a questão, quando ele perde a questão, aí nós se reúne na Jaibara, nesse tempo Humberto já era presidente, nós vamos no cartório pra saber a origem dessas terras, porque se tem dono tem documento, né? Se tem essa terra, tem documento. Fomos pro cartório, chega no cartório o velho verificou, verificou, não apareceu documento, não tem documento a terra não tinha documento, nem sequer os próprio dono verdadeiro disso aqui, ele não tinha documento, era terra tirada aí à vontade.

(José Campelo, 2019)

Porque é assim ó, ele está falando do território que a gente fica, que a gente tirou de sinal, é lá nas duas pontes, Picos, Picos 1 e Picos 2, a outra fica aqui na Rodovia dos Carajás e o outro fica lá no portão, lá depois do seu Pedro, fica perto do babaçu em conjunto com Santa Maria

(Justino, 2019)

Não é um mapa do INCRA, ta bem ali ó, o do INCRA ta bem ali e nós vamos ver no dia que nós fomos pra Defensoria Pública que tem coisa errada. Não se sabendo, não se move, não. Se tem que saber o que nós queremos ali, ta errado, ali Jaibara por exemplo não ta no meu território, cadê Jaibara? Cadê Oiteiro 2?

(Elinalva Moreira dos Santos, 2019)

Nossa comunidade hoje tem muitas casas na beira da BR, o pessoal fica perguntando, como é que a gente vai ficar vai ficar no prejuízo? Porque o DENIT, ele passou os documentos até pros caras derrubarem as casas e o pessoal não faz a gente derrubar a casa porque não tem condição sobre os produtores, trabalhar é a renda, é pouca consagra, dois sacos de cimento compra dois milheiro de telha, deixa no depósito pra poder fazer as casas e se eu chegar e derrubar uma casa e fazer uma estrada berando, as casa racha toda, todas essas casas da beira da BR é toda rachada.

(José Campelo, 2019)

Vai passar a BR, então eles não procuraram a pessoa pra que essa pessoa disesse. Como é que vão fazer com a gente? Minha casa vai ficar esse pedaço pro lado da BR, vocês vão fazer o que com a gente?

(José Campelo, 2019)

Oiteiro dos Pretos, como eles chamavam naquele tempo que só tinha preto velho e quando nós se vestimos mesmo e se organizemos, chama Oiteiro dos Nogueiras, por isso que nós fizemos, e eu tava contando aqui para o amigo meu que mora ali na BR. E aí pegaram e botaram Oiteiro 1 e nós estava aqui sentados, aí eu vi eles conversar e procurei o que era, por que Oiteiro 1? Porque nós não temos mapas de Oiteiro 1, nós temos Oiteiro e Oiteiro dos Nogueiras, agora o caso deles de construir uma comunidade para levantar o povoado, é outra coisa, mas o Oiteiro que foi dali é só um esse pedaço de terra, é só um pedaço de terra e nosso, é de nossa comunidade, tanto daqui como com a BR é que é essa comunidade, nossa. Do lado de lá nós não manda nada, mas do lado daqui, do lado direito é que é nosso, nós vamos morrer lá e ir para o cemitério. Como eu disse para vocês, quando surgiu a Jaibara, muitas vezes gente tá com 8 anos ou 5 anos foi que teve um cemitério na Jaibara e a mulher não queria, lá onde foi esse cemitério era uma senhora de Sarafina e fizeram bem na beira do caminho o cemitério que ela não queria, o cemitério lá, mas todo mundo tem o comprovante que aqui que ele sepultaram os mortos aqui no Oiteiro, o pessoal dele está tudinho aqui no Oiteiro.

(Luciano José Santos, 2019)

Quando começou nós morava dentro da área, nós só não tinha ninguém era minha avó Dinoca, meu avô Helídio, mamãe Maria Vieira, papai Bispo Pereira dos Santos, aí foi que nós, eu, meu irmão Zé Maria, meu irmão Mundinho, meu irmão Zé Luís, meu irmão Domingos, minha irmã Maria, minha irmã Netinha, minha irmã Maria Filomena, minha irmã Luciana e ainda tinha meu irmão Mundinho que é o mais novo; esse aí era só nós que morava nessa área no tempo em que a velha Lili chegou e os engenheiro começou a fazer as variante, os pique que chamava, foi o tempo que nós se mudamos de lá pra São José dos Mato, era meu outro avô que morava em São José dos Matos. Quando eles cercaram tudo, papai tornou pedir lugar, nós tornemos a voltar pra lá, nós fizemos nossa casa perto de onde nós morava no Olho D'água que nós tinha, aí nós ficemos lá até certos tempos, quando começou a entrar outros vaqueiros na fazenda, até idenizou papai nesse tempo que eu não sabia, que eu era pequeno com 12 conto. Nós saímos, a estrada já tinha passado, viemos pra cá, nós viemos todo mundo aqui, mas não tinha dono.

(Heloi Bispo Vieira Pereira, 2019)

Antônio Ferreira morou aqui e mudou pro Entroncamento, porque o Entroncamento era povoado e lá, o Entroncamento, não era o nome de Entroncamento quem botou o apelido de Entroncamento foi Antônio Ferreira.

(Luciano José Santos, 2019)

Eram Três Fazendas, duas fazendas em uma parte da boda de ouro e a boda de ouro era sede, como a gente chamava na época a sede da Fazenda, e tinha um povoado Brasilina que era uma filial da boda de ouro e cachoeira que era a filial da boda de ouro. Essas Três Fazendas são muitas terra equivalente a quase cinco mil hectares que chegava até a beira do rio Itapecuru, até a beira do rio eram abrangidas por essas fazendas.

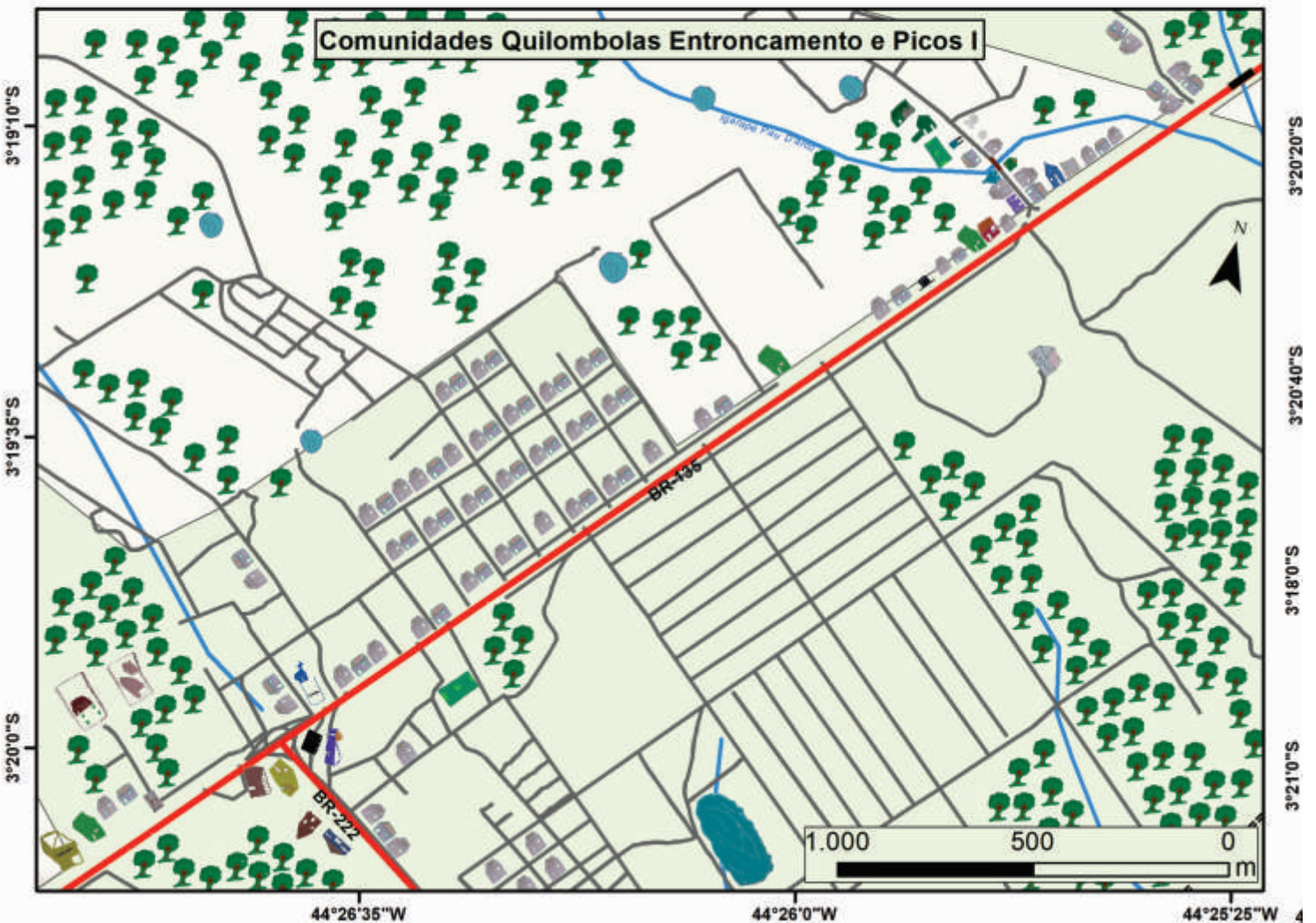
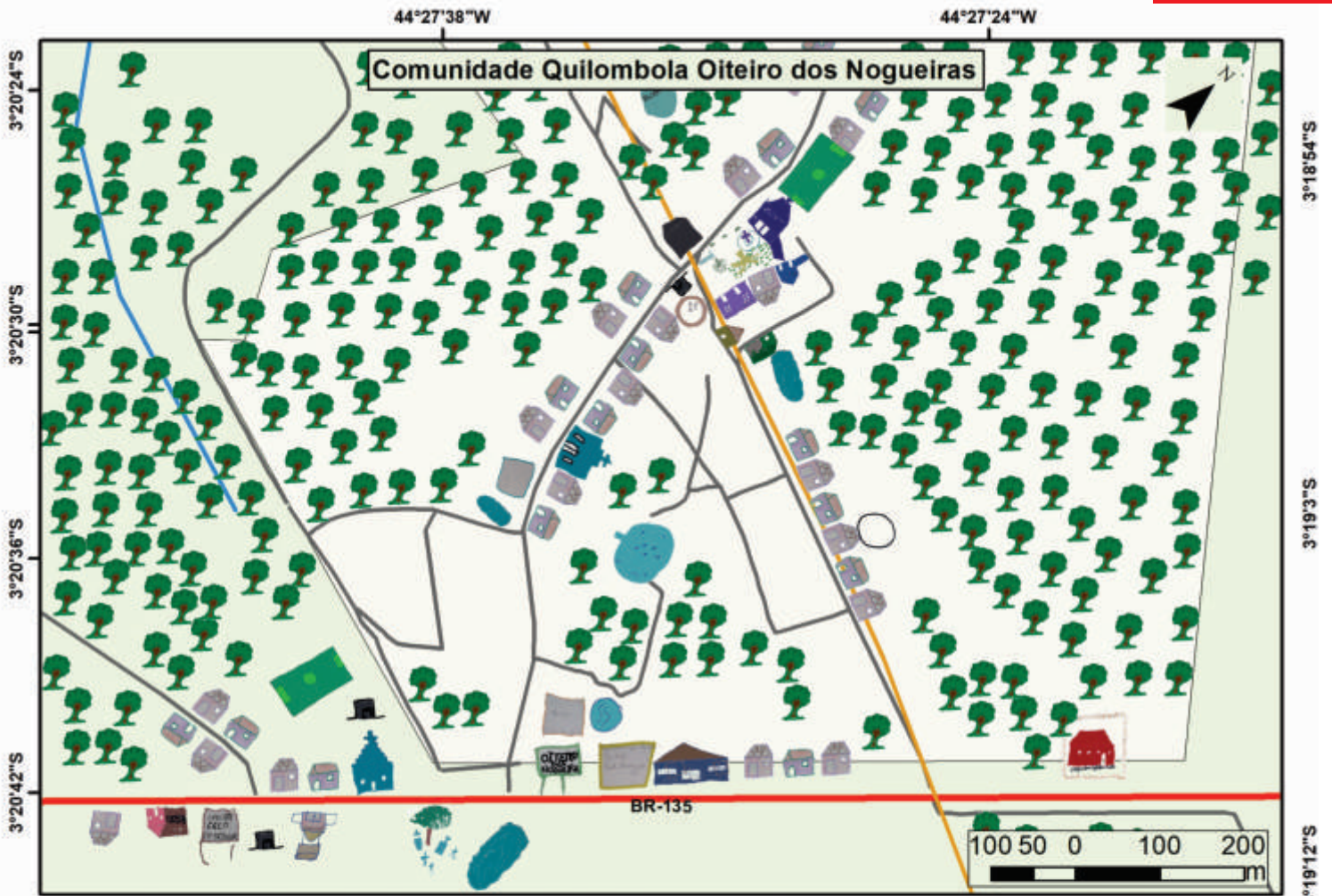
(Nonato Siqueira da Costa, 2019)

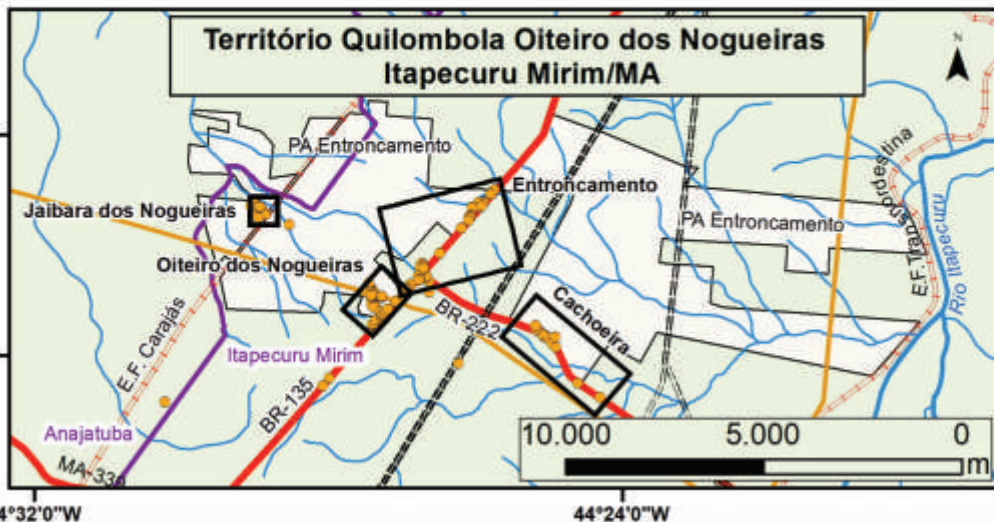
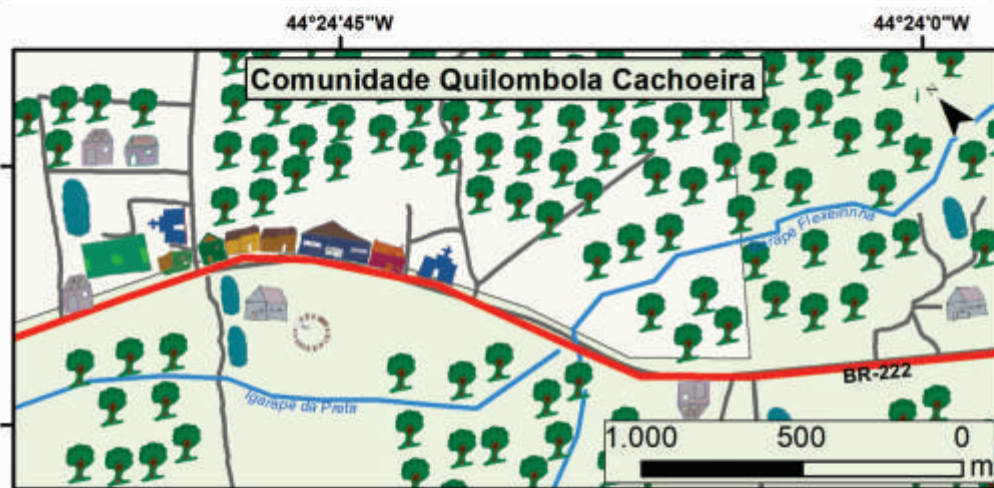
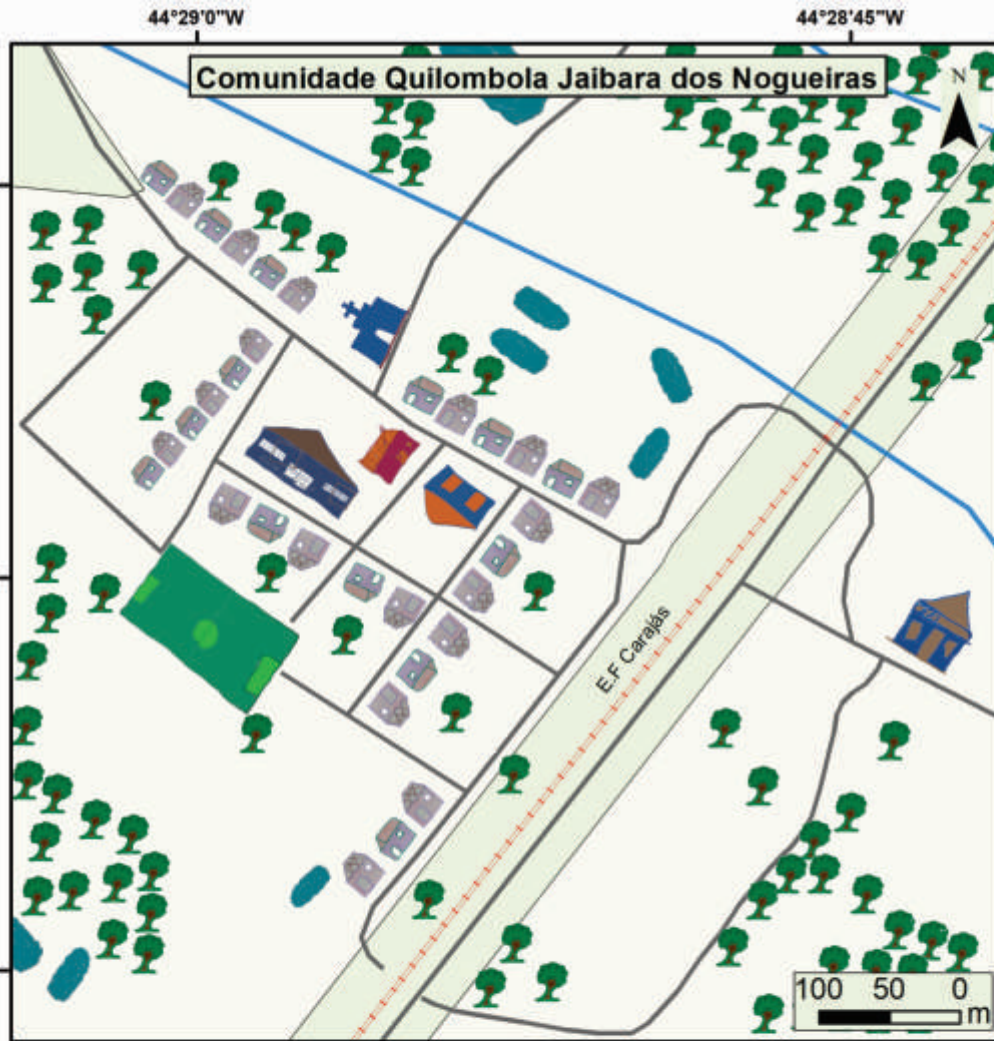
A terra aqui que nós trabalha de roça, dizer que da estrada teve impacto? Teve! Porque nem nós devia sair com a estrada, só se mamãe e papai vinhesse , aí quando não tinha estrada nós andava à vontade né, nós ia pra casa do pessoal nós ia e voltava, mas depois da estrada nós não podia mudar mais, esse foi o impacto.

(Heloi Bispo Vieira Pereira, 2019)



Momento de construção dos croquis do Território de Oiteiro dos Nogueira
Fonte: equipe de pesquisa, 2019





Legenda

| | |
|--------------------|--|
| Casas | Clubes de Festas |
| Fazendas | Espaço Top Show |
| Igrejas | Cerâmica |
| Posto de Saúde | Posto Magnólia |
| Escola | Oficina |
| Restaurantes | Biblioteca |
| Lanchonete | Peixaria |
| Fabrica | Usina |
| Frigorifico | Campo de Futebol |
| Botiquim | Açude |
| Cabana da Edileuza | Poço Artesiano |
| Casa de Farinha | Poço Empedrado |
| Assembléia | Pocinho |
| Placas | Bueiro |
| Mata | Cemitério |
| Barroçao | Ponte Limite dos Territórios Quilombolas Oiteiro dos Nogueiras e Santa Rosa dos Pretos |
| Casa de Peças | Ponte Igarapé Pau D'arco |
| Caixa D'água | Casa de Pré-moldados |
| Cisternas | |

Convenções Cartográficas

| | |
|----------------------|--------------------|
| Linha Telegráfica | Limites municipais |
| Linha de Transmissão | PA Entroncamento |
| Estrada de Ferro | |
| Rodovias | |
| Rios | |

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia
Estratégias de Desenvolvimento, Meneção e Desigualdades:
Cartografia Social dos Conflitos que atingem povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado
Comitê de Defesa dos Direitos dos Povos Quilombolas de Santa Rita e Itapecuru Mirim
Laboratório Nova Cartografia Social / Programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia - PPGCSPA / Universidade Estadual do Maranhão - UEMA
Equipe de Pesquisa:
Emmanuel de Almeida Farias Júnior,
Tacilvan Silva Alves, Tomas Paolillo Pacheco de Oliveira,
Antônio José Araújo Cruz,
Cartografia e Geoprocessamento:
Tomas Paolillo Pacheco de Oliveira,
Antônio José Araújo Cruz, Talguara dos Santos Pereira e Edelson Leilão Maciel.
Fontes:
Croquis elaborados pela Comunidade Quilombola Oiteiro dos Nogueiras, BGE, INCRA. Coleta de pontos GPS por membros da Comunidade Quilombola Oiteiro dos Nogueiras - Sistema de Coordenadas Geográficas / WGS 1984

Um pouco sobre entroncamento. Foi uma comunidade que teve mais dificuldade para que os moradores tivessem sossego, teve um tempo não sei qual que um fazendeiro queria a força cercar o Entroncamento e o seu Marcos, já falecido, foi uma das pessoas que enfrentaram essa batalha.

(Maximiano de Jesus Filho, 2019)

Teve um impacto muito grande, até porque as pessoas sobreviviam da caça, ele sobreviveu do peixe. Com essa entrada da BR veio grandes latifundiários grandes empresários que começaram a se deslocar para nossa região que era uma natureza só... sobre o quê que aproveitou. Eles (moradores) procuraram meio de se manter vivo dentro desse conflito. Como? Produzir o milho na roça, produzir melão, abóbora, botava nas costas do jumento e levava até a BR e botava nos balaio, a palavra correta balaio, e os carros que passavam comprava um milho e abóbora, não era nem tanto por causa da abóbora era por causa do balaio o balaio era bonito, não eu não vou querer não, mas eu quero por causa do balaio. Uns produtores foram seguindo os outros mas o impacto foi geral [...] por causa da BR, que era uma coisa, não contava com um negócio desse, ela vai para cá matando as vidas dos animais que eram livres para circular, a partir daí os carros começaram a matar, começaram a matar as caças, as caças atravessando para um lado e para o outro, isso era um modo de exterminar, quando o carro esbarra na caça ela não é utilizada, não presta para comer porque ela esbagaça. Então, foi um impacto incalculável, os rios foram interditados e aquela poluição do asfalto que naquela época era um breu..... aquele breu causa um impacto ambiental incalculável, ele toma uma área como por aqui assim, gente virava só um poço só de frio aquele bolo que ia consumindo a terra e ia virando o posto, se você caísse lá jamais você conseguiria sair eu digo porque meu pai..... o gado que caía dentro não vivia maisIsso aí tudo foi impacto social dentro da coletividade então, sobre a BR, ela trouxe trouxe o movimento mas também ela trouxe a degradação dos animais, dos peixes e depois a única sobrevivência que o pobre tinha.

(Raimundo Nonato Siqueira, 2019)

Mesmo que o DNIT venha fazer a duplicação a gente exige uma via de pedestre, pedestre porque nem todo mundo tem carro pra trafegar na BR, aqui a gente exige uma via uma via paralela à BR aqui do Oiteiro, a maioria dos alunos do Oiteiro estudam no entroncamento, não é pessoal? E vão para onde não é, beirando a BR tempo todo. Por que não faz uma via beirando a BR para o povo que anda de pés? Então é isso que a gente tem que fazer, brigar.

(Rogério Silva, 2019)

Todo mundo sabe disso, nós somos amordaçados, nós estávamos na expectativa esperando essa obra avançar para fazer a mesma coisa que vocês fizeram, tomar as medidas cabíveis. Nós fizemos isso, nós estamos só preparando, mas foi bom vocês chegarem (Comitê), nós vamos se unir, se unificar junto com vocês, estamos na expectativa, na hora que meter o pé dentro do nosso território do Entroncamento nós, Galego, vamos levantar a bandeira na mesma hora e será uma bandeira que se trata da interdição na hora que eles meterem a mão nós interdita a BR para tomar providência, saber a origem do projeto e o projeto na nossa mão jogado no telão para toda comunidade olhar extensão, que isso vai trazer para nós e o prejuízo que vai causar para os nossos filhos.

(Raimundo Nonato Siqueira, 2019)

TERRITÓRIO QUILOMBOLA VILA FÉ EM DEUS

"A nossa história começa pela descendência de nossa Avó materna, por nome de Carolina, que era descendente de escravos. A mesma nasceu no lugar São João, no município de Santa Rita. Casou-se com o Senhor Deumiro Silva, por qual era o nosso avô. Eles tiveram cinco filhos. Depois eles faleceram, deixando os filhos criados, os filhos eram: Maria Silva, Fabriciano Silva, José Raimundo Silva, Lauriano Silva, e Francisco Silva. Todos nasceram e se criaram no povoado São João, e constituíram suas famílias no mesmo local. Dos cinco irmãos, Maria Silva era a mais velha e casou-se com o Senhor Venâncio Eurico Barbos, que eram nossos pais. No caso os pais de Doraci, é, eu acho que já é a Segunda geração, Doraci, né? Que primeiro veio a Maria Silva. Nós morávamos em terra de propriedades de outras pessoas e em [torce] Mil novecentos e cinquenta e cinco nossa família resolveu mudar-se em definitivo para esta localidade, pois já tinham residido na área um dos nossos descendentes que era escravo. E demos o nome de Vila Fé em Deus, pois naquela época não havia mais nenhum habitante, só existiam os pés de árvores plantadas pelo Senhor Esídio Muniz, que era irmão de nossa avó. Ele dizia que tinha trocado essa propriedade por um funeral, prática de troca de terra que existia na época."

(Trecho do Histórico da Comunidade da Vila Fé em Deus, leitura realizada por Jéssica Muniz da Silva durante a oficina de mapas, 2019)

Eu não sei minha filha, essa aqui foi a Doraci [...] é, não sei. Quando eu vi que ela era uma guerreira, é porque realmente é. Porque lutar 13 anos com latifundiário que nem chegava a carrada de pá pra botar, fazer a cerca, e ela se mandava, e, e aquilo foi indo e graças a Deus se hoje estamos em Vila Fé em Deus, agradecemos a Deus e a Doraci. Entendeu? É a Doraci. Então, eu sempre digo, Doraci, pra Vila Fé em Deus, foi uma guerreira. Uma guerreira. Só.

(Raimunda Julieta Muniz, 2019)

Não só pra Vila Fé em Deus [...] eu entrei no movimento em 87, e, e logo em 87 a gente já se confrontou com muitos problemas. Quando foi em 89 pra 90, a gente já tinha problema sério de búfalo matando gente em campos naturais, gente tinha os problemas já de cerca dos latifúndios cercando as comunidades, a gente já tinha, é já derribado os babaçual, não é? E a gente sabia quem que era as grandes lideranças de Santa Rita, porque já existia Doraci, Aumerinda, Clóvis, Ancelmo e João Marrero. É, Raimundo Freitas, é baxinho, não é? Existia Felício. Já tínhamos a questão de Santa Barbara com um jovem que também já faleceu, hoje ele tá aqui em Santa Rita, aliás, não é? Nós tínhamos a região de Campus, Bisca, e tantos outros que já se foram, poucos estão.

(Sr. Barbosa, 2019)

É, assim, quando Jéssica leu quis se emocionar. Num dá pra não ficar emocionado, porque eu costume dizer assim, Doraci, aqui na Vila Fé em Deus, ela foi mãe de todo mundo, entendeu? Ela ensinava o catecismo pras crianças, para os adultos, ela dizia assim pra gente, ela fazia a festa dos dia das mães, e ela dizia assim: "é, vocês tem que fazer, porque quando eu morrer não pode acabar, vocês tem que continuar fazendo, tendeu?" Então, eu sei que na própria comunidade, na própria família tinha muita gente que achava que ela mandava, que ela era isso, que ela era aquilo, entendeu? O que não participava, que não

participa mesmo, que só sabe criticar, tirar o coro, sei lá! Mas assim, eu costumo dizer que ela era a nossa mãe aqui na Vila fé em Deus, porque lutou por nós, por causa de nós, tendeu? E ela tinha um filho de criação que lutou muito com ela que ela vendesse aqui, e que fosse embora viver a vida dela, tendeu? Viver pra ela, e ela disse pra ele que não, que ela não poderia fazer isso, porque era a família dela, se ela vendesse aqui não tinha pra onde a gente ir e ela não iria fazer isso. O que ela fez foi um documento registrado em cartório e deixou em nome das família, que passasse de geração em geração.

(Antônia Nilzette Muniz Carvalho, 2019)

A comunidade era assim, só tinha essas quatro casas como tô te falando, ainda não tinha assim envolvimento ainda com a comunidade. Depois que foi chegando mais gente e os menino já foram fazendo mais casas, casando, e assim foi aumentando a família, aí Doraci que era irmã dela, a dona do terreno aqui, que teve uma zuada danada que eles queriam tomar o terreno, teve uma época que eles tavam coisando negócio de terreno e ela teve uma luta danada pra ajeitar esse terreno aqui, mas aí graças a Deus ela entrou com as pessoa ajudando ela e até que deu certo ela requerer o terreno, e ficamo aqui. Foi quando ela começou se envolver com as comunidade lá pela rua, o pessoal da igreja, conversando com ela, que devia fazer esse negócio da comunidade. Foi falando pra ela como era pra fazer, aí ela foi fazendo, foi se envolvendo, se envolvendo e até agora minha filha, a gente todo mundo tá bem grande, a comunidade.

(Maria Joana Ferreira Lima, 2019)

Conhecido como seu Binedito, Binedito curador, é porque bem é aqui o terrero aonde ele era o proprietário. Eu cheguei na companhia deles em mil nove centos e sessenta e três. A minha idade, eu sou de sessenta e dois só que quando foram tirar, meu pai e meu avô foram tirar meu registro diminuíram um ano meu, que era pra eu tá mais perto de me aposentar [Risadas] né? Aí me botaram de sessenta e três, nessa época foi que eu vim pra companhia de minha tia e minha mãe de criação, que Deus o tenha hoje num bom lugar. E, de lá pra cá vim vendo a situação como é que era, como ele recebia as pessoas como ele tratava das pessoas, né? O que me construa que aqui tinha duas pessoas que faziam bem a todos que chegasse até eles, né? Que era o Benedito Ricardo da Silva e minha tia, que hoje também Deus o tenha, tá lá juntinho deles Deusuita Apolonia Barbosa da Silva, que é a mãe de Zeca e avó da Jessica. (...) Então, este senhor Benedito Ricardo da Silva, foi meu pai de criação e, ele fazia muito bem, graças a Deus, num ouvi dizer nenhuma vez em que ele fazia mal pra ninguém, que o povo tem uma história de dizer que é curador, que macumbeiro faz mal pros outros, pra outras pessoa, tem muitas pessoa que a gente num dá pra acreditar realmente, mas ele sinceramente, eu, se fosse possível, hoje eu tocara minha mão no fogo por isso. Então de sessenta e dois, sessenta e três e sessenta e quatro pra cá eu venho observando.

(Sr. Barbosa, 2019)

Antes quando eu andava por aí que não tinha essas fazendas, andava tranquilo, agora é que não dá mais com essas fazendas por aí, muitos deles cercaram pra gente não passar por lá, não andar por lá porque é cercado e eu deixei de tá andado. A gente deixou de andar na por causa da fazenda.

(Clodomir Muniz, 2019)

Um dia eu conversando lá com ela, eu tava falando um pouco baixo, eu disse pra ela “Madrinha como que vou fazer se por acaso a senhora faltar, não é isso que eu quero, mas se senhora faltar, como é que eu vou fazer? Pra levar a comunidade em frente?” Ela disse assim: “Deus te ajuda, as outras pessoas que estão por aí, padre Osvaldo...”, ai foi dizeno o nome de algumas pessoas, “...e procure informação em tudo quanto é lugar, que eles vão te ajudar, entendeu?” A tia, a irmã dela a Mocinha, já estava na casa dela acompanhando ela, quando ela descobriu que tava com esse problema de saúde. (...) Mas assim, é a historia da Vila Fé em Deus ela não resume só em Doraci, pra mim ela era uma grande guerreira, mas ela se resume todos os outros, vem o Venâncio Barbosa, a Deusuita, o Iva, que era também um outro cantador de tambor, vem o Otacílio, que é outro irmão da Doraci que também hoje representa a associação do tambor de crioula, tem a irmã da Zeca que ficou, que representa o terreiro aqui que era da Deusuita, tem a Mocinha. (...) Esse que a Antônia falou que o rapaz entupiu e teve que desentupir é o mesmo Carema, ele passa pra cá, ele joga no rio Itapecuru, então ele é um pai [...] Caremão, ele é um pai alimentador de todas as famílias por aqui, nesse período, ele era, hoje ele já não é tanto. Por que? Os fazendeiros desmataram muito as bordas dos igarapés ao entorno dele, ele entupiu muito, hoje nós já somos proibidos.

(Raimunda Julieta Muniz, 2019)

Sobre a duplicação, a gente meteu o bicho, partiu pra cima pra não passar por trás do nosso terreno, dentro de nosso terreno, até porque aqui aberando a BR tem muito lugar pra ele passar, então se eles quiser passar lá no travessão aonde faz divisa aqui pro fundo, tem a divisa que é o rumo, esse mês que entrar agora a gente vai limpar também, não sabe?! (...) Disseram que ia passar por dentro, mas não era com essa duplicação ainda né. Aí depois mudou daí lá pro fundo do travessão e passar com a estrada em cima do Travessão, rumo lá, ia ficar no meio da estrada, no meio da BR. Como é que pode? Não, não, não, isso aí foi audiência por cima de audiência e reunião, na semana chegou a ter 2, 3 reunião aqui sobre esse negócio aí, a gente tinha advogado pelo lado da gente, pelo Estado.

(Ancelmo Ferreira, 2019)

Na realidade, pra mim não era pra passar duplicação aqui, já basta essa daqui que tem. Essa BR aqui já teve muitos acidentes, como o Firmino falou, muito acidente que a gente não tem nem conta dos acidentes que teve aqui, próximo mesmo, que teve aqui a Fé em Deus . Pra mim não passaria, não, essa duplicação, vai afetar muita gente, não só aqui nessa comunidade, mas em outras comunidades também que mora berando a BR. Vai ser uma coisa assim mais violenta do que já está, eu, pra mim não passaria não.

(Valquíria Muniz Silva, 2019)

Quando nós chegamos aqui, eu com essa idade de 8 anos, já acho era muito difícil até passar um carro, era daquela piçarra, ai eu não me lembro, eu não me lembro qual a data do governo Sarney foi que botou essa pista de São Luís a Teresina, foi que botou a ponte lá de Estiva, e lá passava, essa estrada de ferro aqui do Carema. O carro passava por cima do trio lá, só uma ponte só, passava os trem e os carro e eles fizeram aquelas duas vias agora.

(Otacílio Barbosa, 2019)

Aqui a gente usa o campo, todo mundo, o igarapé também é de todo mundo, mas as áreas que nós usa aqui pra pescar, Caremo que chamam, no rio nós não pesca, esse Carema ele bota no rio e a gente pesca no Carema, pesca no campo, pesca aqui no

Braço, que é um igarapé que chamam, tá entendendo? O igarapé do Braço, Braço do Caremo é esse aqui e tem outro ali e lá pra cima, tem mais dois e tudo bota no Caremo e aí tudo a gente pesca, nesse igarapé tudinho quando é na época do peixe. Aí, da rede, rede de rabo, rede de lança, tarrafa, puçá esses é o tipo de coisa.

(Ancelmo Ferreira, 2019)

O peixe que a gente mais pega pescando de caniça, eu não sou muito de puçá, eu vou lá mas num sou muito, é diferente de minha orelha aqui e outros que gostam de meter a mão no buraco, pegar na lama eu tenho medo, contanto que eu pesco calçada, eu não pesco descalça que eu tenho medo de ta me furando (risos), eu gosto mais de anzol, que é os peixes que a gente mais pega, que é traíra, a piaba, peixe preto que chama, jeju, jandiá, vai variando. Tem uns que dá mais à noite, tem uns que dá mais no decorrer do dia (...) é direto, não diz assim "só num período do ano dá um peixe e num período do outro não", ai o que modifica é o que já hoje a gente cria nos açude que os outros peixes aí, mas mesmo o peixe que a gente come bem que pesca no campo nos igarapé é esses daí: o jeju, traíra, o ajodado, uns chamam crimadú outros chamam chapadinha entendeu?! Mussum, tem muita gente que come de mussum.

(Raimunda Julieta Muniz, 2019)

Eu moro lá do outro lado do campo, pra ali, já minha casa acho que não vai mexer lá não, né? Mas as menina que tão aqui na frente, eu acho que vai mexer. Eu que num sei como vai ser, como vai fazer, ficar, num sei se é só dum lado se é do outro, dos dois lado num sei. Porque se for vai coisar muita coisa, né? porque o colégio ta bem aí pertinho da pista né, não? Aí fica perigoso, eu acho que o perigo é isso aí.

(Maria Joana Ferreira Lima, 2019)



Oficina de mapa na Comunidade Quilombola de Vila Fé em Deus. Fonte: dona Maria José Barbosa e equipe de pesquisa, 2019.

Posso, eu vou falar um pouco do que eu sei da cultura daqui. Nós aqui tem um tambor de crioula, já bem antigo, que já vem dos nossos bisavós. O meu avô, o Venâncio Eurico ele era mestre em tambor de crioula, depois que ele faleceu ficou pra meu tio, Iva, continuou e depois que ele veio a falecer ficou o Firmino, outro tio, aí por problema de saúde também ele se afastou da coordenação do tambor, então elegemos outra pessoa, como por exemplo, o tambor que é o Genilton Barbosa que já assumiu um mandato de três anos já iniciando outro, mas teve uma outra eleição e temos um outro presidente, mas assim a gente tá sempre junto, com todas as atividades culturais que tem aqui eu me sinto e me vejo uma pessoa muito representativa dentro da comunidade, muito interessada, porque eu

procuro buscar, eu busco fortalecer a cultura daqui da maneira que eu posso, eu convido, eu ajudo na confecção de roupa do tambor, eu faço roupa do tambor, eu faço roupa dos terreiro de mina e assim eu acho que é uma maneira de fortalecer a cultura. Agora mais recente a gente formou um grupo de tambor mirim, que é onde essas filhas e filhos dessas coreiras do tambor grande já dança, já fizeram apresentações na comunidade, fora da comunidade e é todo mundo junto na cultura.

(Maria José Barbosa Muniz, 2019)



Dançantes do Tambor de crioula do Quilombo Vila Fé em Deus. Fonte: dona Maria José Barbosa, 2018.

Meu nome é Maria José de Fátima Barbosa Muniz, minha idade é 57, eu nasci aqui, me criei na Vila Fé Em Deus, me casei tudo aqui na Vila Fé em Deus, gosto muito aqui do meu lugar, não pretendo sair e amo minha comunidade. Eu digo assim porque a comunidade é nossa a gente tem que dizer que... eu amo muito minha comunidade gosto muito de tambor de crioula. Danço tambor de crioula, eu danço coco, gosto de dançar o boi junto com os meninos, eu danço o que vier só não macumba, mas mesmo assim ainda tô por ali ajudando.

Gosto de tudo, amo minha família, eu me casei com 20 anos, tive minha filha com 19. Me casei com 19 e tive ela com 20, a minha mais velha. Eu já tive dez filhos aí tenho 9 netos. Tô com essa cidade e é mais que diz que eu não tenho essa idade, porque eu tô assim nova. E a comunidade pra mim é boa, aqui acolá tem umas pessoas que gosta de puxar pra cá e outra pra acolá mas é normal, por onde a gente anda a gente vê também dizer isso, eu gosto. É bom, eu gosto demais daqui.

(Maria José de Fátima Barbosa Muniz, 2019)

Ah, se fosse o caso aqui e eu pudesse, olha, vocês parasse e botasse pro outro lado era uma boa, mas eu não posso fazer isso, é como nós não pode dizer assim: "nós não vamos parar", nós tem que se prevenir assim, porque eles fizeram um bico, passando no meio do terreno, lá não tinha curva e eles tinha que esperar passar por trás, porque eu tô vendo dizer que eles vão passar por aqui, aqui onde eles vão passar é o trecho deles escolhido pelo DENIT, agora por lá é meio complicado, porque eles queriam passar por meio do terreno, esses resto de terreno que ficava na duplicação da estrada de ferro e o pessoal invadiram, gera confusão. Certo que a gente tinha os documento tudinho, pôs a gente, pôs todo ano, tudo. Então eles passam aqui, mas tá na procuração assim, porque fica muito próximo das casas do lado aqui, nem tanto ai de repente chega um carro, ai perde o controle, alguém peita uma casa, causa até a morte. É perigoso mesmo, mas é o que tô dizendo, não, vocês não passam.

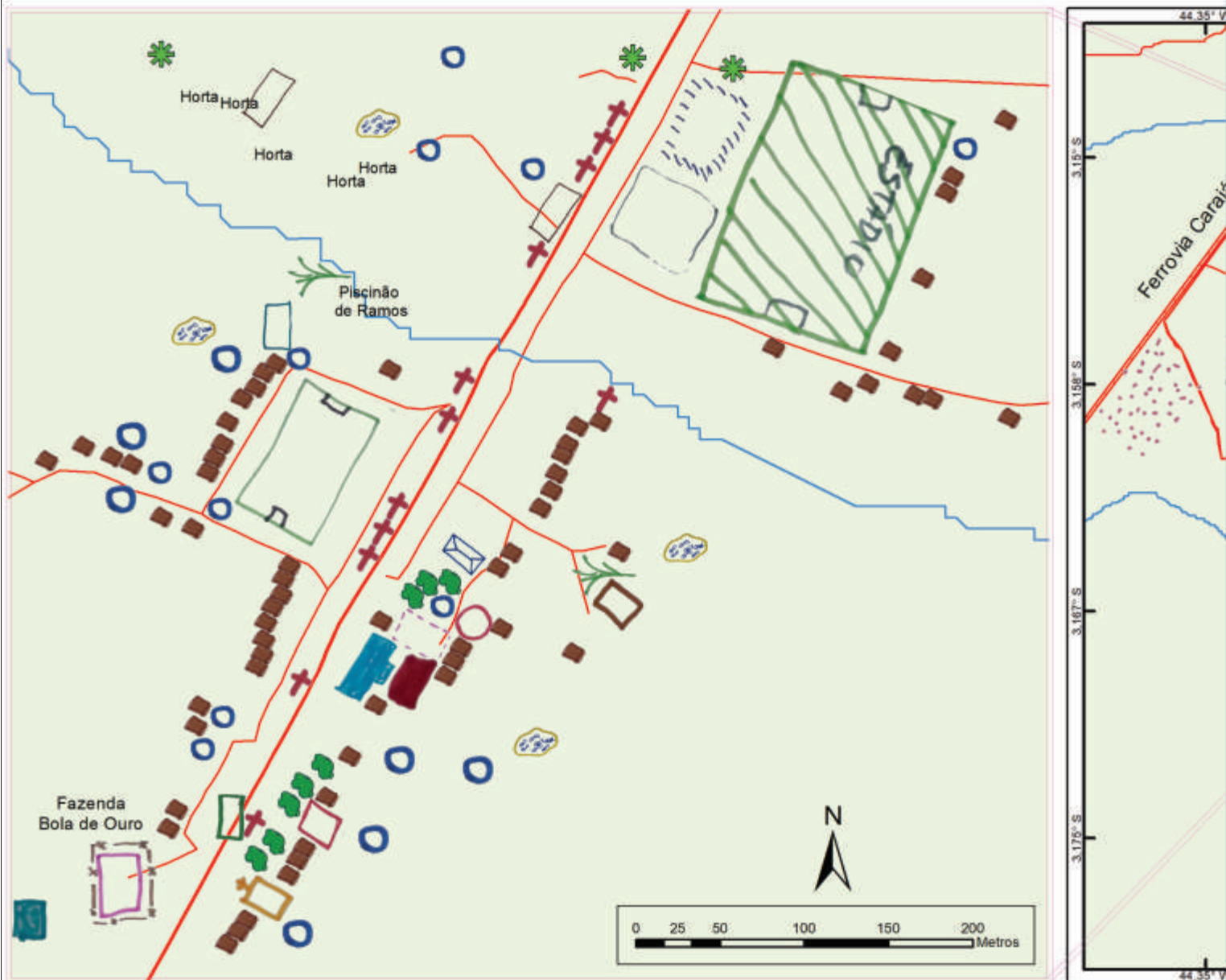
(Otacilio Barbosa, 2019)



Final da Oficina de mapas no Quilombo Vila Fé em Deus. Fonte: equipe de pesquisa, 2019.



Comunidade Quilombola Vila



Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

*Estratégias de Desenvolvimento, Mineração e Desigualdades:
Cartografia Social dos Conflitos que atingem
povos e comunidades tradicionais na Amazônia e no Cerrado*

Comitê de Defesas dos Direitos dos Povos Quilombolas de Santa Rita e Itapecuru Mirim

Laboratório Nova Cartografia Social /
Programa de Pós Graduação em Cartografia Social e Política da Amazônia - PPGCSA /
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA

Equipe de Pesquisa:

Emmanuel de Almeida Farias Júnior, Tacilvan Silva Alves, Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira, Antônio José Araújo Cruz.

Cartografia e Geoprocessamento:

Tomas Paoliello Pacheco de Oliveira, Antônio José Araújo Cruz, Taiguara dos Santos Pereira e Edelson Leitão Maciel.

Fontes:

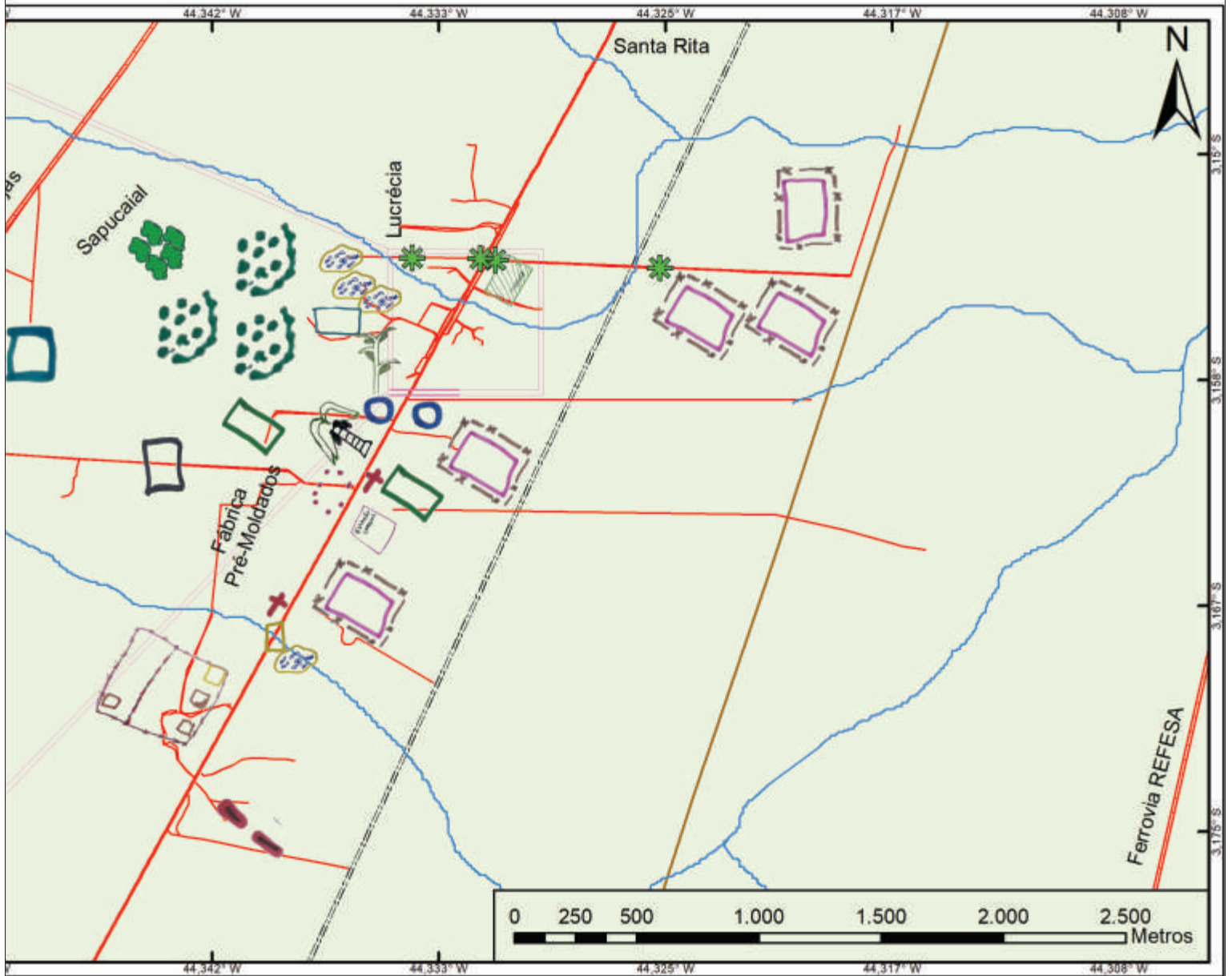
Croquis elaborados pela Comunidade Quilombola Vila Fé em Deus (Santa Rita), IBGE, INCRA.
Coleta de pontos GPS por membros da Comunidade Quilombola Vila Fé em Deus.

Escalas:

Mapa maior 1:20.000 - Mapa menor 1:3.500
Sistema de Coordenadas Geográficas / WGS 1984

-  Ca
-  Bib
-  Esc
-  Cor
-  Pra
-  Bar
-  Bar
-  Bar
-  Bar
-  Ca

Fé-em-Deus - Santa Rita/MA



Legenda

| | | | | | | | | |
|----------------------------|--|----------------|--|--------------------|--|------------------------|--|--|
| sa | | Roças | | Estádio | | Rodoviária | | Caminho da Boiada |
| lioteca | | Roça de Milho | | Campo de Futebol | | Lixão | | Vala |
| cola | | Bananal | | Quadra | | Granja | | Áreas de Acidentes Fatais |
| instrução | | Palmeiral | | Quadra de Areia | | Fazenda | | Divisa Território com o terreno de dona Visita |
| Nova Escola | | Bambu | | Povoado das Bandas | | Fazenda Zuila | | Igarapés |
| ça Cultural | | Árvores | | Estação Carema | | Fazenda Sebastiãozinho | | Rodovia BR-135 |
| ração de Mina Mãe Preta | | Poço Cacimbão | | | | | | Ferrovias |
| ração de Mina us quem guia | | Poço Artesiano | | | | | | Caminhos |
| teção de Santa bara | | Açude | | | | | | Estrada da Linha Telegráfica |
| ração goleiros Quilombo | | Casa de Forno | | | | | | Linha de Transmissão |
| opela | | | | | | | | |

BOLETINS INFORMATIVOS PUBLICADOS

- 1 - INDÍGENAS GAMELA NO CERRADO PIAUIENSE
- 2 - RIBEIRINHOS, PESCADORES E PESCADORAS DO VILAR E MOJU NA ILHA XINGU-PAE SANTO AFONSO: TERRITÓRIO E RESISTÊNCIA DE NOSSAS ORIGENS
- 3 - POVOS TRADICIONAIS INDÍGENAS DO VALE DO JAVARI
- 4 - CARTOGRAFIA SOCIAL DO BAIXO TOCANTINS ATÉ SUA FOZ NO RIO PARÁ, AO SUL DA ILHA DE MARAJÓ: POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NA ROTA DOS GRANDES EMPREENDIMENTOS, NO PARÁ
- 5 - GUERRA NO TERRITÓRIO DO CONDE: COMUNIDADES TRADICIONAIS, MIGRANTES, ESTADO E EMPRESAS NA DISPUTA TERRITORIAL
- 6 - TRABALHADORES DA AGRICULTURA FAMILIAR: ACAMPADOS OPRIMIDOS PELA MINERAÇÃO EM CANAÃ DOS CARAJÁS
- 7 - PESCADORES E RIBEIRINHOS SUDESTE O PARÁ
- 8 - RAÍZES E LUTAS DA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO JOAQUIM
- 9 - COMUNIDADE GERAIZEIRA PINDAÍBA - MG
- 10 - CARTOGRAFIA SOCIAL DE PARACATU DE BAIXO, MARIANA (MG)
- 11 - POVO OMÀGUA KAMBEBA: MOBILIZAÇÃO POLÍTICA E RESISTÊNCIA NOS TERRITÓRIOS INDÍGENAS DO ALTO SOLIMÕES
- 12 - QUILOMBOLAS, PESCADORES, RIBEIRINHOS E EXTRATIVISTAS SOB EFEITOS SOCIAIS E AMBIENTAIS DA UHE -TUCURUÍ E AMEAÇADOS PELOS PROJETOS DA HIDROVIA DO TOCANTINS-ARAGUAIA
- 13 - POVOS TIKUNA E KOKAMA DE BENJAMIM CONSTANT (AM) – MOVIMENTO PELA DEMARÇÃO DA TERRA TRADICIONALMENTE OCUPADA
- 14 - TERRITÓRIO QUILOMBOLA DE SANTA ROSA DOS PRETOS: CONFLITOS COM A DUPLICAÇÃO DA BR 135 EM ITAPECURU MIRIM-MA.
- 15 - VILA FÉ EM DEUS, PEDREIRAS, VIOLAS, CARIONGO E SANTANA SÃO PATRÍCIO (SANTA RITA) E OITEIRO DOS NOGUEIRAS (ITAPECURU MIRIM)-MA: TERRITÓRIOS QUILOMBOLAS INTRUSADOS PELA DUPLICAÇÃO DA BR 135
- 16 - PESCADORES DE TUTÓIA E PAULINHO NEVES: CONFLITOS ÉTNICOS E DEVASTACÕES PROVOCADAS PELA IMPLANTAÇÃO DE PARQUES EÓLICOS NO MARANHÃO.

Realização:

Comitê de Defesa dos Direitos
dos Povos Quilombolas de
Santa Rita e Itapecuru-Mirim
E-mail: direitosquilombolas@gmail.com

Financiamento:



Climate and
Land Use Alliance

Apoio:



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

PPGCSPA

Programa de Pós-Graduação
em Cartografia Social
e Política da Amazônia

Nova Cartografia
Social da Amazônia



CCN - MA
Centro de Cultura Negra do Maranhão